



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**DESAFIOS DO MÉTODO FREIRIANO NO SISTEMA DE ENSINO DA EJA:
EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O PROGRAMA BB EDUCAR EM SANTA
MARIA - DF**

ANNA VANESSA LIMA DE OLIVEIRA

Brasília – DF
Dezembro/2013

**DESAFIOS DO MÉTODO FREIRIANO NO CURRÍCULO TRADICIONAL DO
SISTEMA DE ENSINO DA EJA: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O
PROGRAMA BB EDUCAR EM SANTA MARIA - DF**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof. Dra. Sonia Marise Salles Carvalho.

Orientadora: Prof. Dra. Sonia Marise Salles Carvalho

Brasília
Dezembro/2013

**DESAFIOS DO MÉTODO FREIRIANO NO SISTEMA DE ENSINO DA EJA:
EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O PROGRAMA BB EDUCAR EM SANTA
MARIA - DF**

.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Sonia Marise Salles Carvalho (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Dra. Cláudia Valéria de Assis Dansa (Examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa (Examinador)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

CONCEITO FINAL: _____

Dedicatória

Dedico a todos que buscam através da educação a esperança de uma vida melhor, justa e digna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, nosso criador, que nos deu a oportunidade de viver, nos deu o mundo de presente para que possamos semear amor, solidariedade, sabedoria e fé. Agradeço sempre a Ele por ter me dado a oportunidade de ter uma família, amigos e por me dar saúde para que eu tenha forças para lutar e conquistar meus objetivos e com eles poder contribuir com o próximo.

Posteriormente agradeço a minha mãe, que considero meu tudo, meu alicerce, minha inspiração. Agradeço a ela por ter sempre cuidado de mim, me protegido, por ter mostrado os bons caminhos, por me apoiar sempre, por acreditar em mim e por ter me ajudado a escolher o curso de Pedagogia como profissão. Agradeço a ela simplesmente por existir e por ser um exemplo de mulher batalhadora que sempre lutou para que vivêssemos bem, com saúde e com fé em Deus. Agradeço simplesmente por me dar um amor incondicional e inquestionável.

Agradeço também a minha família: minha avó Antonia (a nossa Nona) por ter ajudado a me criar, a cuidar de mim, por ser nossa matriarca e exemplo de alegria e simplicidade, de amor e de cuidado. Agradeço ao meu avô (O Nono) Francisco, por ter construído toda a base de nossa família, por ter nos estruturados, nos dando conforto e proteção. Aos meus tios, Alexandre, Paulo e Vera por me ajudar quando preciso e por me mostrar que sempre que precisar poderei contar com eles. Aos meus primos Daniel, Rafael, Carol e Isabella por serem meus companheiros de aventuras, viagens, farras, estudos, enfim, por serem meus exemplos e meus amigos. Agradeço também ao John, que foi um padrasto maravilhoso, que cuidou de mim e da minha mãe com todo amor e carinho e me ensinou muita coisa que levo para toda a vida. Não posso esquecer de agradecer a minha bebezinha, a Mel, minha cachorrinha que está sempre ao meu lado me dando carinho, amor e muitas risadas.

Agradeço ao meu amor e futuro marido, Paullo Norhan, por simplesmente ter sido o anjo da minha vida. Por ter, ao longo desses 6 anos, me amado, respeitado, me apoiado, protegido, por me incentivar, por confiar em mim, por ser, de fato, um homem de verdade, de caráter e de respeito. E ainda por cima ter me dado a oportunidade de ter outra família maravilhosa, meus sogros, Gisela e Paulo e meus cunhados Pablo e Rhainan, que amo e os considero demais.

Agradeço também aos meus amigos de Natal e de Brasília, agradeço por terem participado da minha vida de maneira tão significativa, tornando-se inesquecíveis.

Agradeço a UnB, por ter me dado a oportunidade de ser aluna de professores maravilhosos, altamente capazes, competentes, didáticos, sábios, enfim, seres humanos que marcam nossa vida pra sempre. Principalmente a minha orientadora Profa. Dra. Sonia Marise, que considero um exemplo de professora, que além de ser competente diante de sua especialidade, demonstra ser uma professora realmente preocupada com seus alunos, que aposta e acredita neles, de forma que me sinto confortável e segura em dividir angústias e medos com ela, por que sei que sempre ela achará uma solução. Aos meus amigos da Faculdade de Educação, agradeço pelos trabalhos, provas, projetos, almoços no RU, aulas de campo e estágios, compartilhados durante essa minha trajetória na UnB, por tudo ter dado certo no final, graças a contribuição de vocês.

A UnB também me deu a oportunidade de ter meu primeiro emprego, aos 19 anos entrei no CESPE e agradeço a todos com quem convivi e convivo até hoje dentro dessa instituição. A Alice, por ter me contratado como estagiária, ao Léo por ter me treinado, a Carmen por ser uma gerente flexível e me ajudado a conciliar faculdade e trabalho, ao Danilo por ter acreditado em mim e confiado o cargo que exerço atualmente e ser um amigo, agradeço a estes meus “superiores” pelo que aprendo e aprendi com vocês em relação ao que vem a ser um profissional ético e competente. Agradeço a todos meus amigos do CESPE, que não irei nomear, pois são muitos os importantes, alguns inclusive já saíram, porém agradeço por todo apoio, risadas, farras, ensinamentos, broncas, enfim, agradeço a participação de vocês na minha vida, contribuindo na minha formação, profissionalização e no bem estar do nosso ambiente de trabalho.

OLIVEIRA, Anna Vanessa L. **Desafios do Método Freiriano no Sistema de Ensino da EJA: experiência pedagógica com o programa BB Educar em Santa Maria - DF.** Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2013.

RESUMO

O trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo apresentar uma experiência pedagógica no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, desenvolvida através do Programa BB educar e do Projeto de Economia Solidária e Educação realizado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. A experiência com o EJA no programa BB educar realizado na Associação Atlética de Santa Maria - AASM nos evidenciou os desafios de trabalhar a abordagem freiriana no sistema de ensino na EJA. A Educação de Jovens e Adultos é um segmento que possui singularidades relativas aos sujeitos da aprendizagem que participam desse processo, assim a implementação de novas formas de ensinar exige um momento de adaptação dos educadores e principalmente dos educandos. E quando utilizamos a abordagem freiriana nos deparamos com a necessidade de mudanças mais profundas na relação ensino-aprendizagem. A reflexão sobre a perspectiva de inovação da didática na EJA está traduzida em três capítulos: o primeiro mostra, na primeira parte, a EJA historicamente, levantando os seus principais aspectos, bem como analisando alguns programas educativos direcionados a este segmento. A segunda parte explora a abordagem freiriana, expondo as principais ideias colocadas por Paulo Freire em relação à alfabetização de Jovens e Adultos e a educação popular. O segundo capítulo traz a experiência pedagógica com o Programa BB Educar em Santa Maria - DF, também expondo as características, as metodologias, dificuldades, os desafios e os resultados do Programa. Por fim, apresenta-se no último capítulo reflexões e posicionamentos referentes à problematização gerada diante da experiência com o Programa.

Palavras-chave: Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

Work Completion Course aims to provide a pedagogical experience within the Education for Youth and Adults , developed by Program Project BB educate and Solidarity Economy and Education held at the Faculty of Education at the University of Brasilia . The experience with the program EJA BB educate held in the AASM demonstrated the challenges of working in the traditional curriculum approach Freire 's educational system in EJA . The Youth and Adults Education is a segment that has singularities relating to the subjects participating in this learning process. The implementation of new ways of teaching requires a period of adaptation of the teachers and especially the students and when used approaches Freirian faced with the need for deeper changes in the teaching-learning relation. Thinking about the prospect of innovation in traditional curriculum of Brazilian education system of EJA is translated into three chapters : the first shows in the first part , the EJA historically , raising its key aspects , as well as analyzing some educational programs targeted to this segment. The second part explores the Freirean approach , exposing the main ideas put forward by Paulo Freire in relation to youth and adult literacy and popular education . The second chapter brings pedagogical experience with BB Educate Program in Santa Maria, also exhibiting the characteristics, methods , difficulties , challenges and results of the program . Finally, it is presented in the last chapter reflections and positions regarding the problematic generated on the experience with the program.

Keywords: Popular Education, Youth and Adults Education.

OLIVEIRA, Anna Vanessa L. **Desafios do Método Freiriano no Sistema de Ensino da EJA: experiência pedagógica com o programa BB Educar em Santa Maria - DF.** Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2013.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AASM – Associação Atlética de Santa Maria

BB – Banco do Brasil

CESPE/UnB – Centro de Seleção e Promoção de Eventos da Universidade de Brasília

CFA – Curso de Formação de Alfabetizadores

CPC – Centros Populares de Cultura

CPCTAL – Campanha Pé no Chão Também se Aprendem a Ler

EJA - Educação de Jovens e Adultos

GT's – Grupos de trabalho

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MCP – Movimento de Cultura Popular

MEB - Movimento de Educação de Base

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

ONG – Organização não governamental

PAS - Programa Alfabetização Solidária; Programa de Avaliação Seriada

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

Plantor – Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador

TIC's – Tecnologias da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

PARTE I: MEMORIAL: Trajetória de uma futura educadora	14
PARTE II: Desafios do Método Freiriano do Currículo Tradicional do Sistema de Ensino na EJA: Experiência Pedagógica com o Programa BB Educar em Santa Maria.....	24
INTRODUÇÃO.....	24
CAPITULO I: Reflexões sobre a EJA e a abordagem freiriana.....	25
1.1 Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Histórico e Características.....	25
1.2 Perfil dos Educandos na EJA e suas Demandas.....	29
1.3 Educação de Jovens e Adultos (EJA) na perspectiva da educação popular.....	30
1.4 A abordagem de Paulo Freire.....	32
CAPITULO II: Programa BB Educar e Experiência Pedagógica.....	37
2.1 Contextualizando a experiência pedagógica na Educação de Jovens e Adultos.....	37
2.2 O programa BB Educar.....	38
2.3 A preparação teórica na UnB para à prática de ensino em Santa Maria.....	40
2.4 Experiências pedagógica na educação de jovens e adultos.....	41
CAPITULO III: Análise reflexiva da prática pedagógica.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	59
ANEXOS	61

PRIMEIRA PARTE

MEMORIAL: Trajetória de uma futura educadora.

“Quando eu tinha 5 anos, minha mãe sempre me disse que a felicidade era a chave para a vida. Quando eu fui para a escola, me perguntaram o que eu queria ser quando crescesse. Eu escrevi “feliz”. Eles me disseram que eu não entendi a pergunta, e eu lhes disse que eles não entendiam a vida.”

John Lennon

“Não há vida sem correção, sem retificação.”

Paulo Freire

Com essas frases iniciais, escrevo aqui as minhas memórias. Nasci em Brasília no dia 30 de dezembro de 1990, sou filha de brasilienses e neta de cearenses. Morei em Brasília até meus 7 anos, pois por uma feliz descoberta da minha mãe, mudamos para Natal, Rio Grande do Norte, a famosa cidade do Sol. Lá vivi o resto da minha infância e quase toda a minha adolescência. Lembro-me que antes de morar em Natal, vivi com minha mãe e avós no Cruzeiro Velho, onde fiz o meu jardim de infância, o “prézinho” (antecedente ao Ensino Fundamental) numa escola pública perto da minha residência.

Recordo-me de ser uma escola bastante acolhedora, onde eu brincava bastante e onde iniciei minha alfabetização, aprendi as letras do alfabeto, através das intervenções pedagógicas das “tias” e daquelas salas repletas de letrinhas coloridas. Quando chegava em casa, após uma tarde de atividades e brincadeiras, ainda ia brincar de escolinha com meus primos, onde minha avó aproveitava a ocasião para nos incentivar a aprender a ler e escrever, esse acompanhamento em casa foi uma grande ajuda para o desenvolvimento da minha alfabetização. Os números e cálculos eram a minha dificuldade, nessas brincadeiras de escolinha sempre acabava chorando de raiva pela dificuldade que tinha de utilizar os números, o que foi traumatizante e que trouxe algumas consequências.

Neste espaço escolar fui aprendendo a conviver com os outros coleguinhas e suas diferenças, a dar meu primeiro laço no cadarço do tênis, a escrever algumas letrinhas, aprendendo o que era certo e o que era errado, o que era conveniente e o que não era. Enfim, um espaço que de fato foi muito importante para o meu desenvolvimento inicial que me fez

adentrar a 1º série do Ensino Fundamental, além de sabendo ler e escrever bem, também sabendo lidar com pessoas, circunstâncias e espaços diferentes.

Morando em Natal, entrei na 1º série do Ensino Fundamental e desde então estudei em escola particular, pois minha mãe acreditava que o ensino público no nordeste não era tão bom quanto em Brasília e que o ensino particular seria o ideal, pois ela sabia que nessa nova fase escolar estaria a minha base para o meu ensino futuro, o que de fato é verdade. Meu ensino fundamental foi cursado em uma escola particular, porém simples, percebi bastante a diferença de ensino de Brasília pra Natal. Natal na época (1998) era uma cidade que estava em desenvolvimento, sendo uma cidade turística, a sua base econômica dependia muito da movimentação turística, dessa forma a cidade, assim como as outras, porém em escala maior, tinha suas fragilidades em relação à educação.

Recordo-me que entrando em sala de aula percebia ainda muitos alunos com dificuldades de leitura, lembro que as professoras pediam para que lêssemos em voz alta alguns textos e muitos demonstravam dificuldades. Mesmo com sete anos percebia a diferença de ensino entre as duas cidades. Fui me adaptando com o clima, com as pessoas, com os sotaques, com as gírias, enfim essa transição regional foi bastante impactante, porém, vejo hoje como bastante construtiva, pois assim pude conhecer diferentes contextos e fui aprendendo a lidar com a diversidade.

Nessa fase, me considerava uma aluna aplicada, sempre queria finalizar primeiro os deveres, buscava obter o melhor desempenho para obter elogios das professoras, adorava fazer provas, sempre me considerei um tanto competitiva e isso refletia no meu desempenho escolar, nunca esqueço que na quarta série do Ensino Fundamental, havia uma competição de quem era “o melhor” da turma (considerando o desempenho em classe) e lembro que ganhei um troféu de 2º lugar e fiquei bastante chateada, pois queria ser a primeira. Hoje percebo que esse incentivo escolar de ganhar troféu, não é tão válido, pois apesar de vivermos em uma sociedade competitiva, onde as oportunidades são conquistadas através de desempenho e *ranking*, não se visava uma aprendizagem concreta, com conteúdos práticos e menos fragmentados, mas uma aprendizagem pra atingir apenas o primeiro lugar.

A trajetória do meu Ensino Fundamental foi aparentemente tranquila, sem muitos traumas ou reprovações, porém algumas dificuldades. Na primeira série lia muito bem e não tinha dificuldade na gramática, gostava muito de ler e isso facilitava bastante a minha

alfabetização e letramento. Na 2º e 3º série ainda me destacava entre os alunos, pois eu era comportada dentro de sala e tinha notas boas, não gostava de tirar notas abaixo de 8 (oito), pois sempre lembrava de uma vez quando a professora falou na 2º série: “Na vida não adianta você ser bom, há muitas pessoas boas, você tem que ser o melhor, pois estes são poucos.”, então achava que o melhor era sempre quem tinha as notas acima de nove. Considerando isso, percebo que durante a minha trajetória escolar sempre era enfatizado pelos professores a questão do aluno destaque, da competição e do aluno mediano, enfim, acredito que como a escola é o reflexo da sociedade, a sociedade capitalista sempre nos mostra que apenas os melhores terão o seu reconhecimento e merecido destaque, essa cobrança ainda é bastante vista atualmente.

A partir da 4º série, mudei pra outra escola, com estrutura maior, onde muitos a considerava como uma escola boa e renomada, nela eu tinha mais disciplinas como o inglês. Na época era muito instigante você ter aula de língua estrangeira na escola, pois já havia uma demanda na sociedade de pessoas que falassem outra língua, principalmente o inglês. Minha mãe domina o inglês muito bem, o que me ajudou bastante, pois aprendia muitas coisas e complementava com essas aulas na escola, não tendo muita dificuldade nessa disciplina. Comecei a ter muita dificuldade mesmo era em matemática, era algo que não fazia sentido pra mim, lembro-me que ao passar de ano, sentia que algo estava faltando, não sentia que tinha compreendido o conteúdo, porém eu era aprovada, mas no limite, sem de fato aprender muita coisa da base o que me prejudicou bastante no Ensino Médio.

Ao entrar na 5º série do Ensino Fundamental, atualmente denominado 6º ano, já com 11 anos, havia aquela transição de criança para pré-adolescente, e surgia aquela sensação de que agora estávamos crescendo e iríamos estudar conteúdos bem mais complexos, ou seja, não tinha mais “moleza”. O que não deixou de ser verdade, a partir dessa etapa comecei a perceber que para se destacar e obter notas boas, não bastava apenas se comportar e fazer os deveres corretamente, mas sim estudar bastante, dessa forma meu rendimento não era mais o melhor da turma e comecei a perceber que os conteúdos não era tão fáceis assim, minhas notas começaram a ficar entre a média oito, não mais nove ou dez, enfim percebi que estudar para obter um bom desempenho não era tão simples e que existiam muitas coisas mais interessantes para se pensar, ou seja, o foco era aproveitar a fase da pré-adolescência e não mais se destacar na turma.

Em 2002 minha mãe decidiu me mandar de volta para Brasília para ficar com minha avó e familiares, pois ela iria viajar para a Inglaterra, terra do meu padrasto John e ficaria lá durante um semestre, dessa forma como não podia ficar sozinha em Natal voltei para ficar com minha família em Brasília, durante um ano. Foi um ano bastante interessante, estudei em uma escola particular, em Taguatinga perto de onde minha avó morava, nessa escola cursei a 6º série, lembro que ao chegar foi a mesma sensação da minha chegada em Natal, tudo diferente de novo e uma nova adaptação, acostumar com novas gírias e sotaques, o jeito mais fechado do brasiliense, o frio de Brasília, além disso, ficar longe da minha mãe, enfim, foi uma nova fase.

Nessa escola foi onde me apaixonei pela História, adorava a professora e a forma como ela ensinava que me fez gostar mais ainda dessa matéria, lia o livro de História como se fosse diversão e fazia os exercícios com maior prazer. Além disso, adorava também as aulas de Português, sempre me saía bem nessas duas matérias, principalmente pela forma dinâmica que as professoras conduziam a aula. Lembro-me de duas cenas que me fez perceber que dar aula pode ser muito legal e prazeroso: uma vez a professora de História trouxe para sala de aula um som para que escutássemos a música do Legião Urbana, Índios e fizéssemos uma análise reflexiva com a chegada dos portugueses no Brasil e toda aquela questão dos índios, enfim eu já era fã de Legião e ainda poder unir e contextualizar sua música com a História, pra mim era fantástico. A ideia da professora em trazer a música para que refletíssemos sobre a descoberta do Brasil, não só como conta os livros, mas através de outros pontos de vista, foi muito instigante. Já a professora de português, tinha que ensinar as preposições para os alunos, com toda sua sagacidade, sabendo que aquilo seria uma questão de “decoreba”, mas que tinha que ensinar, ela simplesmente transformou as preposições em um *rap* e por incrível que pareça, dez anos depois, eu nunca esqueço e já utilizei bastante esse *rap* pra responder questões de provas e vestibular.

Em 2003 já tinha voltado para Natal e começado a 7º série, durante esses anos fui uma aluna normal com algumas notas medianas, outras boas e outras ruins. Até a 8º série passava de ano normalmente, menos em matemática que era sempre a mesma dificuldade e sempre ficava no limite, penso hoje que se talvez tivesse tido um reforço em matemática em turno diferente não teria enfrentado tanta dificuldades no outros anos, principalmente no Ensino Médio, onde tínhamos que estudar química e física, que precisava bastante do conhecimento matemático.

Ao entrar no Ensino Médio, minha mãe resolveu me colocar em uma escola que aplicava os conteúdos em ensino integral, ou seja, três vezes na semana eu estudava de manhã e a tarde, o que na época minha mãe achava que era melhor em relação a aprendizagem, no entanto, percebi claramente que quantidade de estudos não é a mesma coisa que qualidade de estudos, pois era dado bastante conteúdo, porém, não havia a absorção verdadeira deles. Sei que minha mãe tinha ótimas intenções, pensando que quanto mais matérias eu tivesse, mais conteúdo eu estudasse melhor seria meu desempenho nas avaliações seletivas. No entanto, foi nessa época que eu descobri o tanto que minha base escolar foi fraca e como eu tinha dificuldades na área de exatas, principalmente por não ter aprendido conteúdos básicos de matemática no meu Ensino Fundamental.

Nesta escola estudávamos o conteúdo normal do 1º ano de manhã e a tarde estudávamos já o conteúdo do 2º ano, ou seja, adiantávamos os conteúdos, e não tinha tempo para estudar nem o conteúdo normal da série e muito menos o conteúdo adiantado. Enfim, acabou que não aprendi muito, apenas estudava para conseguir tirar uma nota de aprovação nos testes e provas que ocorriam recorrentemente. Lembro que na época essa metodologia era muito exaltada, apenas os alunos considerados “nerds” eram os que estudavam integralmente, pois considerava que dessa forma facilitaria para entrar em cursos bastante concorridos na Universidade.

No primeiro ano do Ensino Médio não me preocupava sobre o que cursar na faculdade, não ligava muito para essa questão de vestibular, meu foco ainda era passar de ano, mesmo que no limite das notas. Iniciando os estudos em física e química, fui percebendo que iria ter muita dificuldade nessas matérias também, tendo em vista a quantidade de cálculos necessários para compreender o conteúdo, e tive mesmo! Foi nessa fase que fui entendendo o que era tirar notas realmente baixas, o que era não conseguir resolver exercícios, pela falta de prática em calcular e ficar em recuperação. Realmente foi uma fase muito difícil em relação à escola, lembro ainda que como adolescente queria mais era saber de me divertir e aproveitar essa fase tão maravilhosa, que guardo ótimas lembranças e que me remetem a muita saudade. Apesar da dificuldade nas exatas, ainda conseguia me destacar nas matérias de português, literatura e redação, lembro da minha facilidade em escrever e dos elogios da professora em relação as minhas dissertações, assim, comecei a pegar gosto pela escrita, adorava escrever, discorrer diversos assuntos e simplesmente adorava as provas discursivas, sabia que a partir delas que iria recuperar minhas notas, em relação as notas de exatas.

Também, gostava muito da literatura adorava estudar Camões, Gonçalves Dias, romantismo, simbolismo, enfim, adorava fazer poesias, participava de concursos de poesias, ganhei algumas publicações em jornais da escola, alguns sites na internet, de outros estados, enfim, realmente adorava poetizar e recebia muitos elogios dos leitores da minha poesia. Guardo até hoje uma agenda repleta de poemas e poesias, lembranças da minha adolescência. A partir desse momento foi quanto comecei a pensar em estudar Letras – português ou então Jornalismo, mesmo com minha timidez em expressar minha oralidade, achava que poderia trabalhar como jornalista escrevendo artigos, enfim, mas ainda não pensava em nada muito concreto em relação à Universidade.

Fui aprovada no 1º ano com muita dificuldade, fiquei em recuperação em matemática e física, tive que fazer aula de reforço pra conseguir aprovação nessas matérias, infelizmente até hoje não me arrisco em entendê-las, pois apesar de gostar do uso prático da física e matemática, não me arrisco a resolver seus problemas e exercícios. Enfim, cursei o primeiro semestre do 2º ano na mesma escola e no mesmo esquema integral, porém nessa época, no auge da minha adolescência, onde muitas coisas aconteciam, muitas emoções, amigos, namoros e etc., minha mãe estava em processo de separação do meu padrasto, então ela decidiu voltar para Brasília e ficar com a família e dessa forma eu teria que voltar também. Foi uma época bastante difícil pra mim, não queria mudar de novo e perder o contato com meus amigos, não queria sair daquela cidade tão perfeita que deu tantas alegrias, porém tive que voltar, sai da escola no período de férias do meio do ano e fui para Brasília. Lembro que sai com notas muito baixas em matemática e física e teria que recuperar no 2º semestre, senão não passaria de ano.

Em Brasília as escolas particulares são extremamente caras, comparado à Natal, principalmente o Ensino Médio, então como não podíamos arcar com as mensalidades, procuramos uma Escola Pública, onde meu primo, que tinha sido aprovado na UnB na época, estudava. A escola ficava no Guará e tinha uma boa reputação, pois seu Diretor de fato era muito bom, então mesmo morando em Taguatinga, consegui uma vaga e resolvi estudar lá. Recordo que essa mudança foi realmente bastante impactante, nunca tinha estudado em Escola Pública, exceto no Ensino Infantil como contei acima, então conheci de perto o ensino público de nosso país e acabei me surpreendendo bastante.

A adaptação foi um tanto complicada, primeiro o horário das aulas começava mais cedo comparado a escola que eu estudava em Natal, então eu tinha que acordar muito

cedo para conseguir pegar o ônibus e chegar no horário, tendo em vista a distância e o trânsito de Taguatinga-Guará, ainda tinha que acostumar novamente com o frio de Brasília. Como entrei na escola no 2º semestre e uma semana depois, me colocaram na última turma do 2º ano, a turma “J”. Essa turma era onde tinha os alunos que mais reprovavam e os que mais tinham problemas disciplinares, não sabia que ainda continuavam a separar as turmas por desempenho, o que deveria ser ao contrário. Ao entrar na sala encontrei alunos bem mais velhos e percebi que o nível realmente era mais baixo, tanto que mesmo com notas baixas que eu tinha em Natal, meu desempenho ainda era bom em relação ao nível da turma. Fiquei realmente espantada de como a secretaria ainda fazia esse segregação de alunos ao invés de colocar aqueles que tinham dificuldades com aqueles que tinha um bom desempenho, para haver uma troca de conhecimentos enfim, eles separavam os “ruins” dos “bons”.

Não era só isso que me espantou, mas também a falta de interesse de alguns professores, havia professores que de fato não davam aula e estudava para concurso na nossa frente, era incrível ver esse descaso, sem falar na falta de professores, enfim todos esses problemas que já conhecemos em nosso ensino público, porém eu realmente senti na pele o que é ser uma estudante da rede pública. E isso me fez de certa forma amadurecer, pois acabei vendo que a realidade não é só colorida como quando eu estudava em escola particular em Natal, uma cidade paradisíaca, mas percebi que muitas coisas aconteciam, havia a disparidade social, o descaso com a educação, enfim, via nos intervalos muitas meninas de 15 ,16 anos grávidas, muitos meninos envolvidos com drogas e violência, enfim vi de perto o que eu sabia que existia mas não me importava, já que estava na minha “zona de conforto” em Natal. Vejo como amadureci durante esta transição de realidade, aprendi a resolver vários problemas sozinha para conseguir o que queria, aprendi que tinha que estudar muito se quisesse entrar na Universidade de Brasília, aprendi que muitos que estavam naquela turma precisavam da minha ajuda pra pelo menos passar de ano e conseguir uma formação no Ensino Médio, aprendi tantas coisas que me fizeram amadurecer e que agora agradeço a minha mãe por ter feito essa mudança, porque talvez hoje eu não estaria dando conta de tantas coisas que faço atualmente. Brasília me ensinou a virar “gente grande”, trazendo oportunidades e responsabilidades.

Cursei o 2º e 3º ano nesta escola que, apesar das dificuldades citadas, havia também bons professores, que buscavam dar o máximo possível para mudar a realidade de muitos jovens que estavam ali e não acreditavam muito nos estudos e seus resultados, havia

professores que queriam de fato que aprendêssemos o conteúdo, que fizéssemos um bom vestibular. Dessa forma, mesmo com a boa vontade de muitos professores, sabia que para passar no vestibular da UnB o ensino normal da escola não iria bastar, resolvi fazer um cursinho preparatório para o vestibular, então no 3^o ano eu estudava de manhã na escola e a tarde ia para o cursinho.

Tentei meu primeiro vestibular no meio do 3^o ano, onde fiz para Ciências Sociais e não consegui a aprovação, na época escolhi este curso, pois gostava de conhecer sobre as relações humanas e suas culturas, enfim, porém não sabia mesmo se era isso que eu queria. Ao concluir o Ensino Médio, prestei outro vestibular no início do ano, lembro que estava em dúvida entre Pedagogia ou Letras, duas áreas que me interessavam, fiz para Letras-português, curso o qual ainda quero fazer, também não consegui aprovação, lembro que fiquei muito triste nessa época. Havia uma pressão familiar para entrar na UnB, já que todos meus primos haviam passado, enfim, acredito que essa pressão ainda seja normal entre as famílias. Comecei a estudar bastante para o 2^o vestibular de 2009, ia para a biblioteca todos os dias e só voltava a noite, na época eu tinha muito o apoio de minha mãe, em tudo minha mãe procurava me ajudar. Recordo de quando ela falava: “Filha, por mim você pode ser o que quiser, portanto que se sinta realizada e feliz, para mim é o que mais me importa.”. Essas palavras para mim eram reconfortantes, tendo em vista a pressão que era terminar o Ensino Médio e buscar logo fazer uma faculdade.

Foi então que me inscrevi neste vestibular para o curso de Pedagogia, por ideia da minha mãe, resolvi pesquisar mais sobre o curso, pois sabia que era um curso amplo, que não era apenas para lecionar, vi que tinha várias áreas de trabalho e muita oportunidade de emprego, me interessei bastante e como minha mãe queria que eu o fizesse, pois achava uma profissão muito bonita e gratificante, me inscrevi. Fiz a prova, apesar da pressão, a fiz tranquilamente, lembro-me que fui muito bem na redação e fui bastante estratégica dessa vez, marquei apenas as questões que eu realmente sabia, tendo em vista o modelo de correção “uma errada anula uma certa”, quase não respondi as questões de matemática ou física. Enfim, fui aprovada na UnB com 18 anos, para o curso de Pedagogia – Diurno, ver meu nome na lista de aprovação disponibilizada no Teatro de Arena foi uma das maiores alegrias que já tive em minha vida, realmente inesquecível a sensação de conquista, lembro-me do abraço fraterno e orgulhoso de minha mãe, e também de toda aquela festa e sujeira feita pelos veteranos e calouros ali no teatro.

Ao entrar na UnB, como toda caloura tive aquela ansiedade, vislumbre, com vontade conhecer os professores, conhecer as disciplinas que iria estudar e todas aquelas coisas que sentimos ao sermos calouros. Guardo todos os textos e escritos desde o 1º semestre em Pedagogia e ao verificá-los vejo o tanto de informação, tantos textos, professores que marcaram, outros que nem lembramos, enfim, tanta coisa que passa nestes quatro anos que nos remetem a reflexões e nostalgias. Aprendi a gostar do curso a cada semestre, apesar de algumas decepções, acredito que o curso tem mais qualidades do que defeitos. No entanto, considero que não aproveitei a Universidade como deveria, pois a partir do 2º semestre comecei a estagiar no Centro de Seleção e Promoção de Eventos da Universidade de Brasília (CESPE/UnB), 30 horas semanais, durante o horário vespertino, tendo então que organizar os horários das disciplinas para manhã. Foi uma fase complicada, pois eu precisava do estágio e como já havia começado o semestre tive que dispensar muitas disciplinas e trancar outras. Então, estagiei durante um ano, depois fui contratada e promovida para outro cargo onde teria que trabalhar 8h/dia, foi difícil, mas decidi ir, pois seria uma experiência interessante e precisava ajudar minha mãe a pagar as contas, a partir daí tive que estudar apenas a noite e sábado de manhã. É complicado, pois a disposição das disciplinas no curso de Pedagogia – noturno é de certa forma limitada, o que nos faz perder algum tempo.

Trabalhando no CESPE/UnB aprendi a lidar com muitas avaliações, com as dúvidas, angústias e cobranças do avaliados, vestibulandos e concurseiros. Vi muitos alunos chorando por não ter conseguido entrar na UnB, pais revoltados por acreditarem na capacidade de seus filhos e não aceitaram o resultado negativo no vestibular, indignados pela nota de seus filhos nas redações, enfim, lidei com incompreensão de muitos pais e familiares que não percebem que não se avalia um aluno apenas pela sua nota no vestibular, ou em provas, mas tem toda a questão da concorrência, onde infelizmente, o acesso democrático a universidade ainda está se conquistando, o número de vagas aos poucos está aumentando, porém ainda há um sistema que seleciona candidatos, que julga e que, até o momento, é necessário para se ter acesso a Universidade.

Foi a partir do 4º semestre que comecei a me encontrar no curso, pois iniciei o Projeto 3 fase a, Economia Solidária com a professora Sônia Marise, a princípio escolhi o Projeto pelo horário disponível (aos sábados), depois pela área que envolvia a educação popular. Foi um semestre muito bom, feito em Santa Maria, nessa fase considerei como o início da parte prática do ato de educar e trabalhar com educação popular, trabalhei em

ambiente não escolares, que envolvia comunidades carentes e que fez me interessar bastante por esta área, principalmente quando tive a oportunidade de trabalhar com a educação de jovens e adultos, o que será exposto nos próximos capítulos, do meu projeto 5.

Lembro-me que quando estava no Ensino Médio, estudando naquela turma onde tinha muitos alunos com dificuldades e muitos bem mais velhos, recordo-me o quanto eu queria ajudá-los a pelo menos passar de ano, a ter alguma perspectiva, lembro da dificuldade, da falta de credibilidade que muitos tinham, sei que alguns eu consegui ajudar pelo menos de alguma forma, mas vi muitos outros que acabavam desistindo. Hoje ainda tenho amizade com uma colega que estava atrasada mais de 3 anos para concluir o ensino médio, pensava sempre em desistir e que consegui ajuda-la a não desistir, a querer estudar e até gostar de estudar. Ela conseguiu concluir e agora já está quase terminando a faculdade, pra mim isso foi muito gratificante e percebo como me sinto feliz ajudando pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar no tempo adequado.

Sinto-me realizada quando vejo um senhor ou uma senhora, como vi no projeto, escrevendo suas primeiras palavras corretamente, enfim, graças a esse projeto consegui encontrar sentido para o meu curso, que foi um tanto conturbado, porém bastante esclarecedor. Dessa forma, vejo que as experiências que tive no ensino médio e nos projetos foram norteadoras para a produção do tema que escolhi para este trabalho final, bem como ajudou a definir a educadora que pretendo ser, baseado nos estudos de educação popular e na busca por uma educação democrática e libertadora.

SEGUNDA PARTE – DESAFIOS DO MÉTODO FREIRIANO NO SISTEMA DE ENSINO DA EJA: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O PROGRAMA BB EDUCAR EM SANTA MARIA

Introdução:

Diante da experiência que se teve no estágio e projetos, diante das observações trabalhando com a EJA e com base em pesquisas e leituras, algo incomodou durante essa experiência no ensino de jovens e adultos, que gerou a problematização intitulada neste trabalho. Percebia-se a dificuldade dos educandos em trabalhar com as novas técnicas de ensino, como a abordagem freiriana que foge da educação bancária e tradicional, verificamos que os alunos ainda estavam acomodados com o conservador. O ato de apenas copiar, de sentar em cadeiras enfileiradas, de preferir aulas expositivas, evitando participar, enfim todas essas técnicas conservadoras, ainda eram preferíveis para estes alunos. Questionávamos as razões para tal resistência, levantando algumas hipóteses, professores despreparados? Alunos cansados? Desmotivados? Enfim, questões que motivaram a trabalhar com esta problematização, objetivando o ensino com a metodologia libertadora de Paulo Freire, praticando assim a educação popular para a melhor formação destes alunos. Assim, surgiu a seguinte problematização: quais os desafios de trabalhar a abordagem freiriana no sistema de ensino na EJA? Como superá-los? Buscamos a resposta para essa questão por meio da prática pedagógica desenvolvida no projeto 4 na Associação Atlética de Santa Maria - AASM, com 40 senhores e senhoras que participaram do programa BB educar, onde este faz parte de uma política privada da EJA, desenvolvida pela Fundação Banco do Brasil. O objetivo foi introduzir nas práticas pedagógicas realizadas com esse grupo a perspectiva da abordagem freiriana. Registramos nas próximas páginas os desafios e as perspectivas dessa prática pedagógica.

1º Capítulo: Reflexões sobre a EJA e a abordagem freiriana

Este capítulo tem como objetivo refletir as questões relacionadas ao EJA no Brasil, destacando seu histórico, as políticas públicas e suas principais vertentes. Considerando ainda a relação que é possível fazer, no Brasil, entre a EJA e a educação popular, haja vista que os sujeitos de aprendizagem dessa modalidade de ensino, em sua maioria, fazem parte de grupos populares. Propomos, então, apresentar a abordagem freiriana e sua influência na alfabetização de jovens e adultos.

1.1 Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Histórico e características.

A questão da escolarização de jovens e adultos está sendo bastante destacada pelos educadores ultimamente, tendo em vista os dados exorbitantes de jovens e adultos que ainda não tiveram acesso a escolarização ou que não conseguiram concluir a escolarização básica. Demandando não só do Estado, mas também de ONG's e outras iniciativas, ações políticas que buscam ampliar o acesso a escolarização dessas pessoas. Essas ações surgem a partir de importantes movimentos no Brasil advindos em meados do século 20, que buscam reconfigurar o campo da EJA em relação às políticas públicas do Estado.

Entretanto, diante do contexto histórico da EJA, sabe-se que ela não é uma temática atual, nem no Brasil nem no mundo, conforme esclarece Maria Margarida Machado (Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 82, p. 18, nov. 2009):

Há pelo menos três séculos a humanidade se depara com a necessidade de maior acesso ao conhecimento sistematizado pela escola por parte da população jovem e adulta, em especial a chamada população economicamente ativa, já que é a partir do fortalecimento do Estado Liberal e do sistema capitalista que se vê a instituição escolar como uma forte aliada na preparação de mão de obra.

Havia uma concepção utilitarista em relação a alfabetização, haja vista a necessidade de que as pessoas fossem letradas, para serem utilizadas como meio de mão-de-obra. Principalmente após as guerras, em meados do século 20, onde era necessário reconstruir toda cultura e identidade de uma nação. Porém, diante de pesquisas e resultados expostos em conferências internacionais, verifica-se que ainda a meta de uma educação para todos é uma das problematizações destacadas internacionalmente, haja vista a busca de realização de políticas públicas voltadas para esta área. Por isso que essa temática é bastante

destacada mundialmente, pois é necessário a construção de uma educação democrática, onde todos tenham a escolarização, inclusive aqueles que não a tiveram no tempo determinado.

No Brasil a primeira característica de construção do EJA ocorreu durante o processo de colonização, após a chegada dos padres jesuítas, em 1549. Estes se voltaram para a catequização e “instrução” de crianças, adolescentes e adultos, tanto de nativos quanto de colonizadores, diferenciando apenas os objetivos para cada grupo social. Ou seja, este fato reafirma que a escolarização de jovens e adultos no Brasil não é algo recente, mas sim antiga e que ainda hoje é presente e se faz necessário devido a exclusão no acesso a educação.

Passada essa fase colonialista e inicial da construção do Brasil, destacava-se também no século 20 a escolarização de jovens e adultos como meio de qualificação e diversificação da força de trabalho. Surgindo nesse contexto em meados da década de 40, segundo Ventura, 2007, uma política oficial de educação para jovens e adultos trabalhadores, “cogita-se uma educação para todos os adolescentes e adultos analfabetos do país” (VENTURA,2007 p.17). Ocasionalmente novas exigências educacionais no intuito principal de aumentar o contingente eleitoral e de preparar mão de obra para o mercado industrial em expansão.

Em 1938, Paschoal Lemmel (2004, p. 65) já destacava que “mesmo entre as pessoas que têm certo trato com os problemas de educação e de ensino é comum verificar um completo desconhecimento da importância e da significação hoje emprestadas ao problema da educação de adultos”. Ou seja, era perceptível o descaso para com o EJA e no Brasil a preocupação do Estado com a alfabetização de adultos ainda era ínfima em comparação com a crescente demanda de jovens e adultos analfabetos. Diante dessa percepção de Paschoal em 1938, pode-se dizer que atualmente ainda existe este descaso, mas que aos poucos está sendo sanado através das políticas públicas e iniciativas de educação popular, que são cada vez mais implementadas.

Como foi destacado inicialmente surgiram importantes movimentos e ações que corroboraram com o desenvolvimento da EJA. Destes, valem citar: o Movimento de Educação de Base – MEB, Sistema Rádio Educativo criado na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com o apoio do Governo Federal (1961); além dos Centros Populares de Cultura – CPC (1963), Movimento de Cultura Popular – MCP e a Campanha Pé no Chão Também se Aprendem a Ler – CPCTAL, onde estes últimos tinham o intuito de atender às

populações das regiões menos desenvolvidas, além da preocupação de conscientização e integração desse grupo na participação política e na sociedade o que poderia simbolizar uma diminuição da marginalização cultural da população, através da alfabetização e utilização do sistema Paulo Freire, este será explicitado no próximo subitem.

Estes movimentos foram perseguidos e reprimidos durante o regime militar (1964-1985), pelos órgãos do Governo Federal que, em 1967, autorizou a criação do MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização (a partir de 1985, passa a se chamar Fundação Educar), tendo como principal objetivo: erradicar totalmente o analfabetismo, mas, principalmente, preparar mão de obra necessária aos interesses capitalistas do Estado.

Destaca-se, também, como um marco legal a criação da lei nº 5692/71, criada para regulamentar a EJA:

A lei nº 5692/71, trouxe a regulamentação da EJA. Pela primeira vez, uma legislação específica organizou ensino de jovens e adultos em capítulo próprio, diferenciando-a do ensino regular básico e secundário, abordando, inclusive, a necessidade da formação de professores especificamente para ela, e trazendo avanços significativos para a EJA. Representou a ampliação, em nível legislativo, das oportunidades educacionais. (VENTURA, 2007 p.26).

No entanto, apenas com a LDB nº 9394/96, art.37 e art.38 que de fato foi contemplada as várias formas de organização da Educação de Jovens e Adultos e uma melhor adequação as novas exigências sociais, defendendo uso de didática apropriada às características do aluno. Contudo, vale informar que o art. 4º da referida Lei faz várias referências, em seus incisos, sobre o dever do Estado na garantia do direito de jovens e adultos à educação:

Art. 4º O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II – progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;
[...];

VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII – oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola; [...]. (Brasil, 1996a). (Grifo meu).

Na década de 90, o Governo Federal, alinhando-se às diretrizes neoliberais, implanta ações de caráter compensatório como o Programa Alfabetização Solidária (PAS); o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera); o Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador (Plantor); o Programa Brasil Alfabetizado.

O Programa Alfabetização Solidária foi um dos programas do governo, construído através do Conselho da Comunidade Solidária, “concebido com o propósito de desencadear ações que buscassem combater uma das piores formas de exclusão social: o analfabetismo” (Brasil. CCS, 1997, p. 9). Buscava primordialmente, de acordo com os documentos que o apresenta, atender as demandas analfabetismo nas regiões Norte e Nordeste.

Nessa mesma década surgem também os Fóruns de EJA, que eram espaços de encontros e ações em parceria com diversos segmentos envolvidos com a área, com o poder público (administrações públicas municipais, estaduais e federal), com as universidades, sistemas S, ONG’s, movimentos sociais, sindicatos, grupos populares, educadores e educandos. Eles têm como objetivo principal a troca de experiências e o diálogo entre as instituições, aumentando assim o número de informações e ações relativas ao EJA, buscando o seu desenvolvimento.

Atualmente o EJA no Brasil, após ações do governo Lula (criação do Programa Brasil Alfabetizado), destaca-se pelo Proeja, Programa Nacional de Integração da Educação Profissional a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Verifica-se que este programa não se preocupa apenas em fornecer a formação básica, mas também a formação profissionalizante, trazendo oportunidades com a relação da educação básica e a formação profissional.

1.2 Perfil dos Educandos na EJA e suas Demandas

A experiência com os estudantes da educação de Jovens e Adultos nos evidenciou que estes possuem aspectos que os diferenciam dos estudantes inseridos dentro do ensino regular. São alunos produtos da sociedade desigual, injusta e dividida em classes. Devido ao sistema em que vivemos na sociedade, que separa as pessoas por raça, gênero e principalmente por classe social, muitos perdem a oportunidade de ter acesso à educação no tempo padronizado pelo sistema capitalista. Por diversos motivos, seja por sua origem, renda, pelo preconceito, mas principalmente, muitos deixam de continuar os estudos no ensino regular para trabalhar e poder ajudar no sustento da família.

São alunos que já estão empregados, são trabalhadores inseridos nos “subempregos”, empregos formais precarizados ou desempregados, que esperam sair dessa condição de trabalho e acreditam que por meio da escolarização irão melhorar suas condições de vida. No entanto, a relação trabalho e escola tem sido tensa na vida desse grupo social influenciando na descontinuidade dos estudos.

Percebemos que as especificidades socioculturais acabam gerando preconceitos, enfim, baixando a autoestima do estudante, que desacreditam da sua possibilidade de aprender e acabam desistindo de estudar e preferem fazer outra coisa que fuja dos ataques preconceituosos vividos na escola, seja por colegas de classe, professores, entre outros.

Ainda, verifica-se que há a questão da classe e etnia onde a maioria desse grupo são negros e negras, isso deve a uma série de fatores, entre os principais é o racismo e a discriminação racial. Estes se manifestam de forma perversa nas escolas, ocasionando a evasão escolar destes sujeitos. Assim, tentarão, quando adultos ou mesmo jovens, terminar seus estudos na EJA buscando aprender, estudar para garantir os seus direitos e a conquista da cidadania plena. Há essa percepção, a partir do momento em que se sabe da exclusão dos negros na educação, onde estes mesmos foram criadores da EJA, já que não tinham acesso ao ensino regular, a princípio, eles mesmos ensinavam uns aos outros.

Dessa forma, percebe-se que o EJA surge para incluir os que foram excluídos do ensino regular, a fim de atender uma demanda e um direito de todos, que é o acesso à educação.

1.3 Educação de Jovens e Adultos (EJA) na perspectiva da educação popular

Antes de iniciar esse subitem, é necessário identificarmos o conceito de educação popular e seus objetivos, para que assim possamos trabalhar sua relação com a educação de jovens e adultos.

A educação popular é conceituada pelo Wikipédia, a enciclopédia livre, da seguinte maneira:

A Educação Popular é uma educação comprometida e participativa orientada pela perspectiva de realização de todos os direitos do povo. Não é uma educação fria e imposta, pois se baseia no saber da comunidade e incentiva o diálogo. Não é “Educação Informal” porque visa a formação de sujeitos com conhecimento e consciência cidadã e a organização do trabalho político para afirmação do sujeito. É uma estratégia de construção da participação popular para o redirecionamento da vida social.

Pode-se afirmar então que a educação popular busca a construção da educação com todos e para todos, é uma educação livre que foge da formalidade das salas de aulas, porém não perde o seu foco que é aprendizagem. Sua característica básica é a utilização do saber da comunidade como fundamentação do ensino. Fazendo com que a participação do educando seja primordial para o ensino-aprendizagem.

O conceito de educação popular com base no referencial teórico-metodológico freiriano, exposto pelo Instituto Paulo Freire, é definido da seguinte forma: “É uma educação, realizada por meio de processos contínuos e permanentes de formação, que possui a intencionalidade de transformar a realidade a partir do protagonismo dos sujeitos”. Assim, afirma-se mais uma vez que os protagonistas dessa educação são os sujeitos e que através da ação destes podemos mudar a realidade de uma comunidade.

Essa educação transpassa as paredes escolares, universitárias, salas de aula, enfim, ela pode ocorrer em qualquer espaço onde possua sujeitos com predisposição a ensinar e aprender.

Os educadores pensam a educação em domínios restritos: a universidade, o ensino fundamental, o ensino médio, a alfabetização, a educação de jovens e adultos. Muitas vezes a educação acaba por tomar domínios restritos,

determinados socialmente, quando deveriam atender às necessidades do contexto, do cotidiano do aluno, enfim, da cultura do educando. (Brandão, 1986).

A Educação de Jovens e Adultos é inerente à perspectiva da Educação Popular, já que muitos destes alunos, conforme foi citado acima no perfil, são alunos que geralmente não possuem a oportunidade de frequentar ambientes escolares para ter acesso a aprendizagem. Assim, precisam de espaços relacionados ao seu contexto para que possam ter a oportunidade da escolarização. Então, a educação popular é um componente essencial para a construção da aprendizagem destes alunos, tendo em vista sua característica básica de inserir-se ao mundo do educando.

O educador popular possui características específicas, onde terá formação para lidar com a diversidade dos educandos. Ele terá saberes distintos ao dos alunos, deixando claro que não saberes melhor ou pior do que ao deles, porém distintos. É nesse caso que se destaca a troca de experiência, cultura, saberes, prática pedagógica que caracteriza a construção da aprendizagem na educação popular. Diante disso, acho pertinente colocar, para ratificar essa relação educador e educando, a seguinte ressalta de Paulo Freire (1986):

“A experiência de estar por baixo leva os alunos a pensarem que se você é um professor dialógico, nega definitivamente as diferenças entre eles e você. De uma vez por todas, somos todos iguais! Mas isto não é possível. Temos que ser claros com eles. Não. A relação dialógica não tem o poder de criar uma igualdade impossível como essa. O educador continua sendo diferente dos alunos, mas – e esta é, para mim, a questão central - a diferença entre eles, se o professor é democrático, se o seu sonho político é de libertação, é que ele não pode permitir que a diferença necessária entre o professor e os alunos se torne antagônica. A diferença continua a existir! Sou diferente dos alunos! Mas se sou democrático não posso permitir que esta diferença seja antagônica. Se eles se tornam antagonistas, é porque me tornei autoritário.” (p. 117).

Contudo, o professor que for trabalhar com os estudantes da EJA, tem que ter a ciência da diversidade e peculiaridade dos estudantes, procurando trabalhar com uma didática que atenda suas demandas, seu contexto social e, cultural. Além disso, o professor tem de ter o cuidado para não infantilizar tais alunos, principalmente aqueles que estão na alfabetização.

Respeitar suas origens, sua religião, o seu cansaço pelo fato de estarem trabalhando o dia todo e ainda vão às aulas, sua “bagagem”, já que muitos são adultos e possuem muitas experiências e também conhecimento, adquiridos ao longo da vida.

1.4 A abordagem de Paulo Freire

Ao apresentar a relação entre educação popular e a educação de jovens e adultos se faz necessário colocar as experiências e conceitos relativos à educação levantados por Paulo Freire. A abordagem freiriana é fundamental na educação popular e de suma importância na educação de adultos. Com base em pesquisas e leituras durante minha trajetória na Pedagogia, irei apresentar o que foi essa abordagem, seus objetivos, as experiências de Paulo Freire, enfim, todos os aspectos inerentes a educação vista e construída pelas ideias freirianas.

Quem foi Paulo Freire? Iniciarei fazendo um breve resumo biográfico do homem que com suas ideias mudou muitas concepções relativas a educação. Paulo Freire nasceu em Recife, Pernambuco, no ano de 1921, um rapaz simples e que teve sua infância marcada pela pobreza, o que contribuiu para a sua preocupação e necessidade de ajudar os mais carentes. Formou-se em Direito e também se tornou filósofo, porém a profissão que de fato exerceu foi a de Professor.

Paulo Freire ficou marcado principalmente pelo seu método revolucionário de alfabetização, tornando-se referência para os outros professores. Sua primeira grande experiência com o método, bastante conhecida, foi na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte onde ensinou 300 adultos a ler e a escrever em 45 dias:

Os resultados obtidos — 300 trabalhadores alfabetizados em 45 dias — impressionaram profundamente a opinião pública. Decidiu-se aplicar o método em todo o território nacional, mas desta vez com o apoio do Governo Federal. E foi assim que, entre junho de 1963 e março de 1964, foram realizados cursos de formação de coordenadores na maior parte das Capitais dos Estados brasileiros (no Estado da Guanabara se inscreveram mais de 6 000 pessoas; igualmente criaram-se cursos nos Estados do Rio Grande do Norte, São Paulo, Bahia, Sergipe e Rio Grande do Sul, que agrupavam vários milhares de pessoas. O plano de ação de 1964 previa a instalação de 20 000 círculos de cultura, capazes de formar, no mesmo ano,

por volta de 2 milhões de alunos. (Cada círculo educava, em dois meses, 30 alunos.). (Paulo Freire, *Conscientização*).

No entanto, apesar do sucesso de sua experiência, com o golpe militar de 1964 o plano de implementação do método em território nacional teve de ser extinto. Freire foi exilado, indo para o Chile onde lá elaborou sua primeira grande obra, o livro *Educação como prática de liberdade*. Posteriormente Paulo Freire foi à África e atuou como consultor em reforma educacional em colônias portuguesas na África, particularmente na Guiné-Bissau e em Moçambique.

Retornando ao Brasil, Paulo Freire elaborou diversas outras obras significantes, que são reconhecidas internacionalmente, como: *A importância do ato de ler*; *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, entre diversas outras. Ele faleceu em 1997 em decorrência de um ataque cardíaco.

A abordagem freiriana tem como base a seguinte concepção de que ninguém educa ninguém e ninguém educa sozinho, a educação deve ser um ato coletivo e solidário, ou como afirma Freire “um ato de amor” e não pode ser imposta. Esse pensamento implica em sua maior crítica que é em relação ao método para a alfabetização, a cartilha. Essa é considerada como algo imposto, um material pronto que não considera o educando e suas particularidades, mas sim impõe uma aprendizagem descontextualizada, que muitas vezes não faz sentido ao aluno.

Para ele a educação deve ser libertadora, assim como a pedagogia. Assim, a pedagogia traz a educação de jovens e adultos como um direito conquistado gradativamente através das lutas daqueles que a defendem, ela deve ser compreendida como forma de emancipação. Paulo Freire colocava a importância da compreensão de que a pedagogia deva ser libertadora:

(...) aquela que tem que ser forjada com ele (oprimido) e não para ele, enquanto homens e povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor

em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. (FREIRE,1987 p.32).

As principais ferramentas “metodológicas” utilizadas nessa abordagem foram as seguintes: os temas geradores ou palavras geradoras e o círculo de cultura. Os temas geradores são basicamente os temas sociais onde são recolhidos vocábulos inerentes ao contexto social do educando e através destes vocábulos é trabalhado a alfabetização. Já o círculo de cultura é definido pela professora Maria Margarida Machado como “lugar de encontro e diálogo de homens e mulheres que buscam uma re-leitura da realidade com vistas à transformação da sociedade (...)”. O círculo é uma ideia que substitui as salas de aula ou a turma de alunos, buscando produzir modos próprios e novos, solidários, coletivos de pensar.

Como funciona de fato o trabalho com as palavras geradoras, antes de explicar é necessário compreender que essa abordagem tem um cunho investigativo. Pois antes de iniciar um trabalho de ensino e aprendizagem é necessário que o educador investigue de maneira informal o mundo do educando, buscando informações relativas ao seu contexto para que possa utilizá-las como meio didático na construção da aprendizagem. Brandão, no livro *O que é o método Paulo Freire*, acrescenta:

O que se “descobre” com o levantamento não são homens-objeto, nem é uma “realidade neutra”. São os pensamentos- linguagens das pessoas. São falas que, a seu modo, desvelam o mundo e contêm, para a pesquisa, os temas geradores falados através das palavras geradoras. (p.37).

Ou seja, é através dessas descobertas que vamos ter acesso as palavras geradoras e com elas iremos iniciar a alfabetização. No livro de Brandão ele coloca alguns critérios básicos de escolha dessas palavras, porém não é algo padrão ou obrigatório que deve ser seguido, indo contra a ideia de uma educação libertadora, mas é uma referência que pode ser utilizada pelos educadores. Quais são esses critérios:

Critérios de escolha das palavras geradoras:

- 1º) riqueza fonêmica da palavra geradora;
- 2º) as dificuldades fonéticas da língua;
- 3º) a densidade pragmática do sentido. (Maior ou menor teor de conscientização ou conjunto de reações sócio-culturais).

Esses critérios contribuem com a análise gramatical do trabalho de alfabetização. Verifica-se, ainda, que essas palavras irão fazer mais sentido ao educando do que palavras pré-determinadas em cartilhas, que muitas vezes fogem do contexto social do aluno e, além disso, em relação ao EJA, possuem aspectos infantis. O tema gerador além de ajudar na construção gramatical é uma maneira de incentivar o desenvolvimento de debates, contribuindo assim para uma alfabetização funcional.

O “método” é construído coletivamente dentro de um círculo de cultura entre educadores e educandos, conforme citado nos parágrafos anteriores, iniciado pela investigação dos temas geradores. Essa primeira parte era denominada por Freire de “investigação do universo temático” (em *Pedagogia do Oprimido*) ou “pesquisa do universo vocabular” (em *Conscientização e Alfabetização*).

Um dos exemplos colocado por Brandão, em seu livro, do que pode ocorrer no círculo de cultura como didática é a releitura do mundo através das fichas de cultura. Brandão (p.18) as conceitua como:

As fichas de cultura são desenhos feitos em cartazes ou projetados em slides. Uma após a outra, elas provocam os primeiros debates, as primeiras trocas de idéias entre o animador e os educandos, ou entre os educandos. Em conjunto elas introduzem idéias de base que, partindo de situações existenciais, possibilitam a apreensão coletiva do conceito de cultura e conduzem a outros conceitos fundamentais que muitas vezes reaparecerão e serão discutidos durante todo o trabalho de alfabetização: “trabalho”, “diálogo”, “mundo”, “natureza”, “homem”, “sociedade”.

Ou seja, mais uma prática pedagógica que pode ser desenvolvida dentro do círculo de cultura, na EJA e em diferentes espaços de ensino.

Ocorre que esta abordagem, de fato é bastante inovadora em relação às práticas didáticas conservadoras e bancárias que ainda é utilizada no currículo tradicional de ensino da EJA. Verifica-se uma resistência em utilizar diferentes abordagens, principalmente esta prática que incentiva a liberdade de expressão, de ideias, fazendo com que o educando precise de confiança para poder participar de forma ativa nas aulas. Apenas quando o educando aceitar essa nova prática e conseguir compreender que ele faz parte do processo de construção do ensino-aprendizagem é que irá ocorrer evoluções nessa maneira de ensinar.

No entanto, fazer com que essa prática ocorra é necessário uma adaptação, já que tal abordagem foge bastante da educação bancária e conservadoras que os educandos estão acostumados. Paulo Freire (1987 p.32) aponta o desafio dessa construção coletiva: “O grande problema está em como poderão os oprimidos, que ‘hospedam’ o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação”. Assim, estamos diante do desafio de como construir coletivamente uma relação dialógica do ensino-aprendizagem. Diante de tal perspectiva vamos apresentar como realizamos a prática pedagógica e como enfrentamos os desafios que foram surgindo no caminho dessa aventura pedagógica.

2º Capítulo: Reflexões sobre Experiência Pedagógica e o Programa BB Educar

Este capítulo irá apresentar a experiência pedagógica ocorrida durante a parceria do projeto de Economia Solidária da Faculdade de Educação com o Programa BB educar, onde ambos iniciaram o trabalho de prática pedagógica em Educação de Jovens e Adultos na região de Santa Maria. Coloco nesse capítulo os conceitos e intervenções que foram trabalhadas durante essa experiência.

2.1 Contextualizando a experiência pedagógica na Educação de Jovens e Adultos.

A experiência pedagógica com a EJA foi realizada durante um ano no espaço curricular de projeto 4 junto a AASM com 40 estudantes que já estavam no processo de alfabetização por meio do programa BB educar.

Diferente de um espaço escolar, onde há diversas salas de aula, diferentes níveis/turmas de ensino, sala de direção, secretaria, sala de professores, enfim, diferente de uma organização sistemática e tradicional da escola, o projeto foi desenvolvido em um espaço não escolar, inserido numa comunidade que necessita de apoio e atenção em diversos aspectos. E este espaço foi a Organização não Governamental (ONG) criada e coordenada pela Dona Amparo, chamada Associação Atlética Santa Maria (AASM).

Esta ONG tem como objetivo prestar assistência para a comunidade de Santa Maria, oferecendo cursos na área de pintura, cabeleireiro, manicure, costura, esportes e educação, neste caso, a alfabetização daqueles que não a obtiveram na idade “própria”. É neste contexto que nós, alunos da Universidade de Brasília e da Faculdade de Educação, realizamos a nossa prática pedagógica que, no caso deste trabalho, se desenvolveu na área de Alfabetização de Jovens e Adultos.

Conforme já foi citado a ONG situa-se em Santa Maria-DF, região administrativa que fica a cerca de 30 km de Brasília. A sede desta ONG possui várias salas, que são distribuídas entre os diversos cursos oferecidos: cabeleireiro e manicure, informática, costura, pintura e alfabetização. Outras salas são destinadas para a administração, biblioteca e brinquedoteca. As aulas de costura, pintura e de alfabetização funcionam em um mesmo espaço, porém em horários diferentes. Este espaço é amplo e possui algumas carteiras –

algumas estavam quebradas, não abrangendo todos os alunos matriculados na EJA -, um quadro negro e uma iluminação que deixa a desejar, por falta de manutenção.

Desde que a Universidade de Brasília fez parceria com a ONG, através do Projeto de “Economia Solidária e Educação” ofertado pela Professora Dra. Sônia Marise, a AASM veio desenvolvendo mudanças positivas, que foram desde a sua estrutura física até ao pensamento crítico baseado nos princípios da Economia Solidária adquirido por seus componentes. A estrutura física da ONG, que no início estava bastante deteriorada, passou por melhoras significativas, apesar de ainda precisar de reparos considerados urgentes para que seus projetos possam ser desempenhados de forma mais adequada e eficiente. No entanto, assim como Paulo Freire coloca, em qualquer ambiente consegue-se desenvolver o ensino e aprendizagem desde que haja mais de duas pessoas dispostas a compor tal processo, já que não se faz educação sozinho. E foi com este espírito de educação libertadora que procurei, juntos com os outros colegas do curso, desenvolver e contribuir nas aulas de EJA na ONG.

É neste clima de parceria que surge outro componente de suma importância para o desenvolvimento do projeto, a Fundação Banco do Brasil com o seu programa “BB EDUCAR”. Assim, surgiu a ideia da integração da UnB/FE e seus alunos da pedagogia com o programa do Banco do Brasil. Objetivando aprimorá-lo através de um planejamento pedagógico feito em conjunto, para que os alfabetizadores do programa tivessem uma preparação a mais para ensinar, com base em uma perspectiva pedagógica freiriana, ou seja, baseado na educação popular.

Antes de apresentar como foi essa preparação e também como foi minha experiência em si nessas aulas, é pertinente que eu apresente o programa com o qual trabalhei durante um semestre, apresentarei sua história, objetivos e características, com base nos documentos apresentados por ele.

2.2 O Programa BB Educar.

No início da década de 90, o Banco do Brasil fez uma campanha que tinha como objetivo escolarizar seus funcionários de serviços gerais. Com o êxito desta campanha, abriram-se as portas para que, em janeiro de 1992, esta experiência se estendesse, através do programa BB Educar, para a parcela da população que foi excluída da alfabetização na idade própria. Pertencente à Fundação Banco do Brasil, o BB Educar alfabetiza jovens e adultos

com a participação de alfabetizadores formados através de um curso oferecido por educadores do Banco do Brasil.

O Curso de Formação de Alfabetizadores (CFA) consiste na capacitação dos funcionários do Banco do Brasil que se voluntariam para participar do programa e assim assumem o compromisso de constituir Núcleos de Alfabetização nas comunidades em que atuarem, sendo as aulas ministradas nos locais cedidos por empresas ou instituições envolvidas. A carga horária mínima destes Núcleos de Alfabetização é de 6 horas semanais, tendo uma duração média que varia de 6 a 8 meses para a alfabetização de grupos de até 20 alunos, com idade acima de quinze anos.

O objetivo principal do programa é contribuir com a superação do analfabetismo no país e, para isso, procura propiciar condições de inclusão dos alfabetizados nos cursos supletivos equivalentes (ensino formal, educação de jovens e adultos - EJA, técnico e profissionalizante). Envolver o Poder Público em ações que possibilitem a concessão de Documentos de Identidade aos cidadãos alfabetizados, e assim, fortalecer a imagem do Banco do Brasil e sua respectiva Fundação a partir desta integração com as comunidades.

O BB Educar, como uma tecnologia social de formação, tem a preocupação de transmitir para as comunidades – incluindo os quilombolas, os indígenas, os assentados rurais, catadores de recicláveis, agricultores familiares – uma metodologia baseada nos princípios da educação libertadora. Na construção de uma leitura crítica do mundo, tendo a realidade do educando como ponto de partida para o processo educativo, não se limitando apenas ao ensino da leitura e da escrita. A construção coletiva do conhecimento também é considerada importante, voltada para uma relação educando/educador dialógica, dinâmica, e que valoriza a cultura e a cidadania dos sujeitos. Procura-se seguir os princípios filosóficos e políticos de Paulo Freire, os fundamentos epistemológicos do processo de conhecimento de Jean Piaget, os estudos psicolinguísticos de Emília Ferreiro e a realidade histórica, política, sócio-econômica e cultural do alfabetizando, considerados por Liev Vigotsky.

O BB Educar está presente em todo o país, e é implementado nas comunidades a partir da formalização de convênios de cooperação mútua entre uma entidade sem fins lucrativos, a agência do Banco do Brasil e a Fundação Banco do Brasil. E este convênio se dá a partir de uma proposta de adesão que é analisada e formalizada pela Fundação Banco do

Brasil, que após este processo, realiza o Curso de Formação de Alfabetizadores para que possam ser abertos os núcleos de alfabetização.

2.3 A preparação teórica na UnB para à prática de ensino em Santa Maria.

Antes de iniciadas as aulas, demos início ao curso de preparação pedagógica, baseada nas teorias de Paulo Freire, Vigotisk e Emilia Ferreiro. Essas teorias foram apresentadas por cada componente do grupo, a professora Sônia, eu, mais dois alunos do projeto e as três educadoras do Banco do Brasil que iriam lecionar na ONG. Foi uma forma de termos uma base teórica para tentarmos colocar na prática.

Cada componente apresentou os seguintes temas: Princípios da Economia Solidária que foi apresentado pela Professora Dra. Sônia Marise; Educação Popular e EJA – Perspectivas Atuais, apresentado pela pedagoga Eliana do BB educar; Pedagogia do Oprimido apresentado pela educadora do BB a Iris; Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) na Potencialização da Educação Popular apresentado pelo aluno Creni; O que é o método Paulo Freire, apresentado por mim; Vygotsky e a Educação e Métodos Dialógicos apresentado pela Ana, educadora do Banco.

Este curso foi uma grande experiência em diferentes aspectos, principalmente na parte de como planejar metodologias de ensino, programas curriculares, enfim, como fazer um planejamento das aulas em grupo, baseado nas teorias citadas acima. Era um grupo formado por educadores e futuros educadores com ânsia de aprender e aprender a ensinar. Dessa forma trabalhou-se diante de uma dinâmica democrática, porém bastante complexa, já que trabalhar em grupo com um objetivo em comum também requer sabedoria, observação, saber escutar e falar nas horas certas, opinar, debater e dialogar, pontos importantes quando se quer chegar a um resultado positivo em grupo.

O curso foi bastante produtivo no sentido de aprender um pouco mais sobre a educação popular, princípios da Economia Solidária, e alguns conceitos relacionados à prática pedagógica aprendida através dos teóricos supracitados. Para os voluntários do banco que estavam dispostos a obter tais conhecimentos para aplicá-los nas aulas, foi de suma importância, tendo em vista que estes, em sua maioria, não tinham formação pedagógica ou conhecimentos relacionados à prática escolar, além do CFA. Enfim, o curso objetivava o

aprimoramento das professoras e alunos para que as aulas do EJA na ONG fossem mais qualitativas.

2.4 Experiências pedagógica na Educação de Jovens e Adultos.

A partir daqui relata-se como foram as aulas em Santa Maria, os principais aspectos, as nossas intervenções, contribuições, os conflitos e desafios. Apresenta-se a nossa experiência pedagógica no âmbito da EJA na ONG AASM, em Santa Maria. Ao mesmo tempo irá ser descrito as rotinas das aulas, comentando e fazendo uma análise crítica diante do que acontecia, relacionando, ainda, com a problematização deste trabalho.

As aulas iniciaram em 17 de outubro de 2011, fomos eu, Felipe e Thissiana (também alunos da Pedagogia) e mais as duas educadoras do Banco do Brasil. Saímos da Faculdade de Educação às 18 horas e chegamos na ONG às 19h. Antes de iniciarmos a aula, foi levado por uma das professoras do programa um lanche para os alunos, e nós também, uma vez que alguns chegam do trabalho cansados e com fome, e para assistir a aula e participar torna-se complicado.

Iniciamos nossas atividades, com o objetivo de conhecer melhor os educandos e também nos apresentarmos. Tentando fazer uma espécie de acolhimento inicial, onde, dessa forma, explicamos para eles nossas intenções, por que estávamos lá, o que faríamos. Deixando bem claro que o que estávamos fazendo ali não era nenhuma caridade, era uma troca social, onde nós aprenderíamos com eles e eles com a gente. Buscamos, após a preparação das aulas na UnB, atender um das primeiras práticas apresentadas por Paulo Freire que é a leitura do mundo dos educandos, o contexto, conhecer a realidade deles, se trabalham, onde, se gostam, enfim, aspectos inerentes aos educandos. No entanto, tivemos inicialmente uma primeira dificuldade, pois as educadoras do Banco que já vinham com uma proposta de ensino, mesmo que com base freiriana, não aprofundaram tanto esse aspecto de leitura de mundo.

O grupo era composto por cerca de 35 alunos, só que sempre faltava alguém, não dando para formar uma turma completa nas aulas, o que acabava prejudicando muito a quem faltava. A grande maioria dos alunos é do sexo feminino, sendo de trabalhadores, pais de família, avós que cuidam de famílias e aposentados, mas em sua grande maioria são

compostos de trabalhadores, que vivem na cidade de Santa Maria. A média da faixa etária da turma é de cerca de 55 anos de idade, variando entre 30 e 70 anos.

As aulas eram de segunda a quinta-feira das 19h às 22h. A maioria da turma já conseguia ler e escrever possuía alguma noção de soma e subtração, porém não conseguiam fazê-lo corretamente. Uma vez que o grau de instrução deles era muito baixo e ou começaram a estudar há pouco tempo. Outro grande problema que ocorre é que eles não tinham tempo para estudar, tendo somente o horário de aula para isso.

Na nossa primeira atividade com eles, depois de nos apresentarmos, produzimos crachás com os nomes deles, através dos materiais que levamos (barbante, papel, cola e tesoura). Os que conseguiam escrever o nome escreviam de punho próprio, já quem não sabia escrever o nome nós auxiliávamos. Neste caso, escrevia o nome deles segurando a mão deles com a caneta, tentando transmitir dessa forma mais confiança e deixando com que eles “trabalhassem”, ao invés de fazer por eles. Foi passada para eles a ideia de que sempre no início das aulas eles pegariam seus crachás como forma de se identificarem, facilitando assim a nossa memorização para com o nome de cada um e com eles mesmos. Propomos essa ideia e eles aceitaram de bom grado. Combinamos também com eles de sentarmos em círculos, inspirados no círculo de cultura de Paulo Freire.

A questão do uso do crachá é bastante recorrente entre os alfabetizadores, tendo em vista que é um meio pedagógico de apresentação dos nomes, de reconhecimento do outro, além disso, de memorização das letras do alfabeto. Verifica-se que no primeiro dia de aulas os alunos estavam receptivos, porém meio receosos com essa proposta de que eles também iriam contribuir na construção da aprendizagem. Muitos acreditavam que apenas o professor era o detentor do saber e que sua intervenção poderia ser desnecessária. Ao apresentarmos a proposta do círculo de cultura, escutei muitos murmurinhos meio que resistentes a essa proposta.

No fim da aula, entregamos os Kits da Fundação Banco do Brasil, onde nele continha uma pasta com lápis, caneta, borracha, estojo e um uniforme (não obrigatório). Na despedida, pudemos sentir o carinho deles para conosco, um claro sinal de gratidão e alegria.

A segunda aula, dia 24 de outubro, iniciou com cada aluno procurando os seus crachás, buscando a identificação dos seus nomes, atividade essa que a grande maioria já

estava executando. Percebemos que as carteiras estavam enfileiradas, e não mais em círculo. Ao perguntarmos a eles se queriam ficar em círculo, disseram que dessa forma ficava ruim para ver o que era escrito no quadro e que preferiam ficar em fileiras. Fica a pergunta se de fato era mesmo um problema de visualização ou resquício do ensino bancário, padronizado e enfileirado que tiveram na infância. Senti que era a falta de costume mesmo, pois podíamos adaptar o círculo mais próximo ao quadro, porém muitos ainda não gostavam de estar exposto em um círculo, o que dificultou o trabalho com o círculo de cultura, tornando o nosso primeiro desafio.

De qualquer forma, a Fundação Banco do Brasil havia prometido uma consulta oftalmológica aos alunos e óculos para aqueles que estavam precisando (demorou quase 6 meses) e como as professoras do banco queriam dar continuidade as aulas deixaram por isso mesmo, cadeiras enfileiradas. O que contrariou nossa ideia de trabalhar com os pressupostos de Freire, pois mesmo que os alunos tivessem uma resistência as novas práticas, poderíamos adaptá-lo, por outro lado, também não seria adequado contrariar os educandos, tendo em vista que devíamos deixá-los à vontade para aprenderem da melhor maneira.

Como havia sido proposto pelo pessoal do Banco do Brasil, essa aula estava reservada para a aplicação de um exame (diagnóstico) para avaliarmos o nível de escolaridade de cada um, ou seja, suas maiores dificuldades, afinidades, o que já haviam aprendido e etc. Explicamos como seria a atividade, onde separamos a turma em 4 grupos com 6 pessoas cada, dessa forma cada um de nós ficou coordenando um grupo (neste dia foram 4 pessoas, 2 alunos e 2 agentes do Banco do Brasil).

O diagnóstico era composto de algumas perguntas de interpretação de texto (que foram lidas duas vezes com eles anteriormente). Onde eles tinham que responder às questões interpretativas escrevendo o nome dos elementos que faziam parte do texto, seguida de algumas questões de matemática envolvendo subtração, adição e multiplicação. Como previsto, alguns conseguiram fazer as questões de forma mais rápida que outros, tanto pela leitura mais avançada de uns quanto nas questões com números.

Contudo, todos, de uma forma geral, tiveram muita dificuldade com o exercício aplicado, onde ninguém conseguiu responder todas as questões (menos de 10 ao todo). Um aluno em especial, o Antônio (nome fictício), não conseguia formar palavras com mais de duas sílabas e a quase todo momento pedia minha ajuda. Era o que possuía mais dificuldades

no grupo em que pertencia. Outro aluno desistiu no meio da atividade, fechou o exercício e ficou quieto, e quando perguntado o que tinha acontecido, ele disse que não havia acontecido nada e que não queria realizar mais a tarefa. Sua vontade foi respeitada. Por fim, todos da turma fizeram o que puderam, entregaram as atividades e se despediram de nós, desejando-nos uma boa semana. As avaliações voltaram com o pessoal do Banco do Brasil para futuras análises e diagnósticos das dificuldades da turma. Também ficou combinado com os alunos (quem quiser), trazer alguma reportagem de jornal ou revista sobre algum tema que o chamou a atenção e compartilhar com a turma, expondo sua opinião.

Esse diagnóstico já estava previsto no planejamento de aulas das educadoras do programa, tendo em vista a necessidade de conhecer o nível de escolaridade da turma, para que assim possa ser implementada aulas conforme as demandas de aprendizagem. No entanto, visto a reação da turma ante a avaliação, percebo que não foi algo positivo, já que provas assustam, ainda mais algo assim pronto e imposto. Muitos alunos podem ter pensado que iriam ser julgados, ridicularizados, não estavam se sentindo a vontade para mostrar seu conhecimento, enfim, fizemos essa problematização depois da aplicação.

Nossa intervenção diante da aplicação deste diagnóstico, realizada pelas professoras, foi a seguinte: buscamos pensar junto com as professoras qual seria a melhor maneira de verificação da aprendizagem dos alunos? Por que teve aluno que não queria realizar o diagnóstico? Enfim, são questões que nos remetem ao pensamento da educação popular, pois ao invés de terem aplicado um diagnóstico, poderiam ter feito a “leitura de mundo”, buscando através das informações descobrir o que os alunos já sabiam, o nível de conhecimento, enfim, de maneira mais informal e menos constrangedora. Evitando assim, por exemplo, que um aluno que sabia menos determinado conteúdo se sentisse inferior e evitasse realizar o teste. De qualquer maneira a aplicação do diagnóstico foi visto pelas professoras do Banco como meio mais prático para realizar essa pesquisa, demonstrando assim a dificuldade que é trabalhar com novas práticas pedagógicas, pois a prática conservadora é ainda inerente ao processo de escolarização.

O terceiro encontro (26/10/2011): como havíamos combinado anteriormente, cada aluno podia trazer uma reportagem que quisesse ou lhe chamasse a atenção. A aluna Francisca (nome fictício) expôs para a turma sobre uma matéria de um jornal que dizia sobre os direitos dos homossexuais, e concordou com os direitos logo em seguida como casamento, etc., assim como muitos outros alunos. Em seguida uma das agentes do Banco do Brasil leu

um texto sobre aprendizado, conversando um pouco com eles sobre o aprendizado humano, que ninguém sabe tudo e ninguém sabe nada, mas que todo mundo sabe um pouco de alguma coisa, houve uma boa participação da turma. Posteriormente foi pedido para os alunos produzirem em seus cadernos o que sabiam fazer de melhor, podia ser em forma de desenho ou escrita ou até os dois. Havia bastante material didático para tal finalidade como revistas, tesouras, colas, fita adesiva, canetinha, lápis de cor, etc.

Ao fim das atividades foi pedido para que os alunos escrevessem no caderno como eles aprenderam a fazer o que sabem fazer de melhor, eles podiam escrever uma palavra ou frase. Dessa forma as palavras foram surgindo. Alguns aprenderam no trabalho, alguns com a mãe, e outros disseram que sabem fazer o que fazem por não ter outra opção na vida. Todos disseram o que sabiam fazer e com quem aprenderam e ao final da aula foi designado que formassem um texto coletivo com todas as palavras que haviam sido ditas, como a palavra mãe, trabalho, escola, professor, etc. A turma foi construindo o texto com as palavras, eis o resultado:

Como aprendemos

Mamãe me ensinou a trabalhar,
E a professora ensinou a ler
E escrever e fui para o nordeste por
Não ter outra opção. A escola está
Praticando o trabalho do aluno sozinho
Sem o pai.

A atividade proposta foi interessante e de certa forma produtiva, pois as agentes incentivaram os alunos a buscarem em jornais ou revistas notícias e comentassem para turma. Claro que não foram todos que participaram, porém essa participação fez com que os alunos fossem se sentindo mais a vontade para participar das aulas, de forma tranquila. O uso das palavras que conheciam como mãe, trabalho, professor, etc, relaciona-se com o uso das palavras geradoras, explicitados na abordagem freiriana. No entanto, percebia que os alunos faziam pequenas participações, porém preocupavam-se mais em copiar as palavras dos quadros, algo que se tornou recorrente e de certa forma chato, porque fazia com que o aluno aprendesse de forma mecânica e não de maneira significativa.

No quarto encontro, em 31 de novembro de 2011, fizemos uma retrospectiva da aula passada em relação ao trabalho com o texto coletivo. Depois umas das professoras do Banco do Brasil leu com a turma uma reportagem sobre doenças de pele (psoríase, queimaduras de pele, etc.) Os alunos foram participando frequentemente com a professora, expondo o que sabiam e o que não sabiam. Em seguida a professora chamou 2 voluntários para colarem na parede as reportagens que foram trazidas.

Posteriormente foi trabalhado com eles algumas palavras que compunham o texto deles, como, trabalhar, professora, e palavras que iniciam com TRA, TRE, TRI, TRO, TRU. Uma vez que estávamos trabalhando com eles sobre isso. Depois pedimos que eles escrevessem as palavras nos cadernos e dissessem para a turma, onde colhemos palavras como, trator, trado, tradição, Tramontina, dentre outras. Dessa forma, **construíram palavras dos seus cotidianos**, além de trabalhar questões silábicas como TRA, TRE, TRI, TRO, TRU.

Um fato interessante que aconteceu nesta aula foi a visita do administrador de Santa Maria, que “interrompeu” a aula para falar um pouco com os alunos sobre as políticas de governo, o que tem sido feito e o que é preciso fazer. Os alunos (alguns) falaram e reclamaram com o administrador sobre determinadas precariedades e falhas da cidade, como a criminalidade à noite, problemas com transporte público e falta de pistas de caminhada, que faltam na cidade.

Por sua vez o administrador contornou a situação dizendo que melhorias têm sido feitas e que iria tentar resolver essa situação o mais rápido possível, dando um prazo de 10 dias para resolver a situação dos ônibus, marcando assim um compromisso com os alunos da EJA. Verifiquei que os alunos souberam se posicionar, cobrando do administrador o que deve ser cobrado, já que foi eleito para trabalhar para o povo e promover mudanças.

Na quinta aula recapitulamos o que havíamos trabalhado na aula passada, como as palavras que se iniciavam com TRA, TRE, TRI, TRO, TRU, etc. Foi também sugerido pela professora do Banco do Brasil a produção de um livro por parte da turma, se eles quisessem, com citações e frases dos alunos, uma espécie de escrita poética, onde eles podiam falar sobre suas situações cotidianas, a natureza ou temáticas bíblicas.

Foi trazida uma reportagem por parte da professora do Banco do Brasil sobre o possível aumento do salário mínimo de maio de 2012, mês em que seria votado, para

novembro de 2011, e como ele está tramitando no congresso nacional. Onde deputados e senadores decidiram e influenciaram diretamente na vida de milhões de brasileiros que ganham um salário mínimo.

Foi evidente o descontentamento de alguns da turma para com assuntos políticos, dizendo que estão cansados de promessas, discursos e campanhas milionárias que os políticos e candidatos fazem para se promoverem ao invés de usarem o dinheiro para melhores fins, disseram também que todos são iguais, que sai ano entra ano, sempre continua a corrupção.

Depois do nosso momento de debate e conversas sobre reportagens, continuamos com o exercício anterior de cada um formar palavras e frases com as sílabas. Mas desta vez eles tinham que formar também com BRA, BRE, BRI, BRO, BRU. De onde foi possível coletar palavras como braço, briga, brega, bruxa, etc.

Ficou claro que só pelo ensino e pelo exercício e treino eles alcançaram com êxito o aprendizado que tanto almejam, dessa forma faz-se necessário a repetição dos exercícios para eles fixarem e familiarizarem. Os debates que ocorreram também foram bastante instigantes, apesar de não termos feito o círculo de cultura, trazíamos reportagens de assuntos pertinentes a sociedades, para serem comentadas na sala, fazendo com que os alunos expressassem sua oralidade.

As demais aulas foram se desenvolvendo nessa mesma perspectiva, trazíamos reportagens para debates, era utilizado as palavras do texto para trabalhar gramaticalmente com os alunos, também foi ensinado as operações básicas de matemática. As professoras buscavam ensinar as operações de forma didática, buscávamos mostrar de maneira lúdica e mais contextualizada. Em uma das aulas que foi trabalhado essas operações a professora foi mostrando passo a passo a forma de realizar a operação no QVL (quantificador de valor numérico), dessa forma, torna-se mais fácil para os alunos compreenderem o conteúdo ministrado e assimilarem com maior eficiência.

Planejávamos depois outras formas de mostrar como a matemática é presente em nosso cotidiano, por exemplo, mostrando os cálculos que tínhamos que fazer em relação as nossas despesas mensais, nas compras de mercado, enfim. Como também tinha algumas donas de casa, fizemos um bolo todos juntos (alunos e educadores) onde ao mesmo tempo

ensinávamos as questões matemática que continham na receita, buscando tornar a aula mais dinâmica e interessante para os alunos.

Após os 11 encontros que tivemos com os alunos, as aulas foram paradas para o recesso de final de ano, para que no semestre que vem fosse dado continuidade. A última aula do ano de 2011 iniciou-se com a discussão sobre uma reportagem referente ao plebiscito a cerca da divisão do estado do Pará, onde segundo fontes trazidas pela professora do Banco do Brasil o estado não se dividirá. Posteriormente, foi trago uma reportagem pela professora sobre o ex- jogador Romário que atualmente exerce o cargo de Deputado Federal e que está buscando saber trabalhar com outros deputados mais experientes. Em outras palavras, está se esforçando para aprender sobre o cargo. Por fim, foi lido a carta de alguns alunos, como foi pedido anteriormente, cerca de 3 alunos escreveram cartas e a entregaram para serem lidas. Depois a turma leu em conjunto um texto sobre o natal, onde desejaram um feliz natal e um próspero ano novo.

Dessa forma, será destacado no terceiro capítulo deste trabalho algumas reflexões com base nesta experiência, buscando analisar como foi enfrentado esses desafios, se de fato foi trabalhado a perspectiva freiriana, caso contrário, por qual motivo isso não ocorreu, enfim, iremos refletir questões relativas a problematização deste trabalho com base na experiência pedagógica que tivemos. E ainda buscando apresentar proposições que contribuam na solução destes problemas percebidos durante as intervenções.

3º Capítulo: Reflexão da prática pedagógica.

Desde o primeiro dia de aula, diversas questões e problematizações foram colocadas. Nos primeiros dias praticamente todos os alunos da EJA estavam presentes, já que haveria as apresentações e a entrega de kits do Programa BB educar, porém já surgiam os desafios. Alguns dos adultos que estavam nesta aula, não tinham onde deixar seus filhos e netos e os levaram para assistir as aulas. A princípio, as crianças ficavam acompanhando a aula quietas, porém, nós alunos da pedagogia, percebemos que, aos poucos, uma ou outra ficava entediada e inquieta. Logo pensamos na possibilidade de fazermos uma atividade à parte para entretê-las, já que, como futuros pedagogos, acabávamos por nos responsabilizar de seus cuidados. Fizemos, portanto, algo improvisado para distraí-las e mantê-las distantes das aulas. No entanto, na volta de Santa Maria, concluíram que a presença das crianças deveria ser evitada e que os adultos aos poucos teriam que ter consciência disso, já que ali era o momento deles aprenderem, pois percebíamos que havia o risco das crianças fazerem uma atividade por eles, o que foi observado por mim algumas vezes.

No entanto, diante do fato citado, vale ressaltar, que como se trata de trabalhar com a perspectiva da educação popular, tínhamos que pensar em alguma forma em relação à presença das crianças. Visto que muito dos adultos não podiam ir às aulas sem a presença das crianças, pois estas dependiam do cuidado deles e tendo em vista as particularidades dos sujeitos da EJA, conforme já citado, temos que buscar respeitar essas individualidades. Assim, não podíamos simplesmente falar para os educandos que eles não deviam trazer suas crianças, senão estaríamos dificultando mais ainda o acesso deles a escolarização, indo contra os nossos objetivos. Então, diante disso, a questão não é tratar um problema como se ele não existisse. A questão é: Como incluir os outros sujeitos nas atividades da EJA?

Ao tratar do assunto criança, no parágrafo supracitado, estamos mantendo o velho paradigma de esconder um problema e não considerá-lo (isso, porque os cursos de EJA são pautados nos princípios patriarcais e tentam pautar-se nos princípios marxista de uma escola libertadora. A questão é tanto o patriarcalismo como o marxismo trata o homem (sexo masculino) como sujeito e fecha os olhos aos outros sujeitos da História. A Nova História é que procura mostrar os outros sujeitos, mulheres, idosos, crianças, dentre outros, que estão na sociedade e que foram tratados como se não existissem pelo positivismo e o Marxismo), mas como estamos trabalhando com uma abordagem de certa forma contemporânea temos que considerar esses sujeitos sim, porque estão ali buscando o seu direito ao acesso a educação e

não devemos desconsiderá-los porque possuem características diferentes dos alunos do ensino padrão.

A nossa função como futuros pedagogos não é reproduzir as mesmas práticas pedagógicas de outros lugares. A nossa função é buscar práticas pedagógicas inovadoras que passam pelo fato de olharmos que o outro existe. São essas atitudes de encarar os problemas de frente é que irão qualificar o nosso trabalho. Surge, então, outra questão: Como incluir o outro já que teremos o risco de ali virar um tipo de creche? É essa resposta que precisamos buscar através de leituras de outras experiências, conversas com a nossa orientadora e o diálogo com pessoas da área da EJA e também entre nós mesmos.

Ao conhecer os alunos do EJA em Santa Maria, saber seus gostos, suas ocupações, suas ambições, etc., percebemos que aquela comunidade era feita de alunos cheios de sonhos e objetivos. Estes sonhos são inseridos na capacidade de ler e escrever, como tirar suas habilitações para motorista, dar continuidades aos estudos, se tornarem pessoas informadas, capazes de superar os preconceitos. Percebe-se que muitos são os motivos que justificavam a presença deles na sala de aula, porém com as adversidades da vida não obtiveram tempo e tentavam recuperar tal tempo perdido naquele momento. Saber disso é o que instiga a nós, futuros professores, a querer ensinar com prazer, desenvolver atividades capazes de realmente ensinar estas pessoas e fazem com que elas desenvolvam e adquiram consciência de mundo e nunca sejam prejudicados por não conseguirem ler e escrever.

Com o Programa BB Educar, verificamos que o EJA ainda é feito através da sociedade, de voluntários, onde o Estado, que é o responsável pela educação, tenta melhorar através das poucas políticas públicas, “esquecendo-se” da grande quantidade de analfabetos existentes em nosso país. É necessário que estes educandos conheçam e entendam a escolarização como um direito e não como uma ação voluntária, vinda de pessoas solidárias e preocupadas com a sociedade. A partir disto, estes alunos se reconhecerão como cidadãos capazes de correr atrás de seus direitos, tanto de educação quanto de qualquer outro existente, já que entenderão que o Estado, muitas vezes, se omite, privando-os dos que existe de mais necessário, como, por exemplo, a educação.

Lições de casa, avaliações e frequência são três questões metodológicas que foram pensadas em nossas reuniões. As lições de casa, por exemplo, foram exploradas nas aulas e muitos dos alunos as fizeram. Elas servem para a fixação da atividade e da

aprendizagem ocorrida na aula, porém há de ser ter o cuidado e saber utilizar uma atividade exercida em casa, para que estas não sejam apenas meras cópias de exercícios, não resultando em sentido significativo para aqueles estudantes. Outro ponto que necessita de atenção é a questão da avaliação, onde é preciso ser bem elaborada. Objetivando abranger todas as especificações e peculiaridades do estudante, sem pressão, não priorizando nota, mas o desempenho específico para que se saiba onde se deve mudar para que haja melhora, tanto no ensino quanto na aprendizagem.

Cabe informar que, essas três questões metodológicas citadas no parágrafo anterior, são meios inerentes a educação bancária, na qual estamos acostumados. No entanto, conforme foi justificado, são importantes para a construção da aprendizagem, o que nos remete a questão de implementar a abordagem freiriana no currículo tradicional da EJA. Como já foi explicado nesse trabalho, a abordagem de educação feita por Paulo Freire não é algo metódico que tem que ser seguido como uma cartilha, longe disso! Essa abordagem vem com o objetivo de que nós, futuros educadores, tenhamos a consciência da importância de buscar novas alternativas de ensino que atendam de forma significativa as demandas dos educandos. Essas alternativas podem ter resquícios da educação tradicional, no entanto devem ser adaptadas de acordo com o contexto do aluno, buscando construir uma educação democrática e libertadora.

Existe a necessidade de evitar o excesso de aulas expositivas, acabar com a concepção de professor autoritário, dar oportunidades para as intervenções dos alunos, acabar com a disposição enfileirada das cadeiras, enfim. Existe a necessidade de mudar algumas concepções da educação conservadoras que ainda está bastante inserida no currículo tradicional, fazendo com que os alunos não consigam se adaptar as novas práticas, como a abordagem de Freire.

As observações mostraram que para a alfabetização acontecer depende de como a prática pedagógica é trabalhada, pois uma das estratégias para atrair alunos foi à oferta de consulta oftalmológica e promessa de doação de óculos. O que atraiu uma variedade de alunos tornando a turma híbrida, ou seja, uma boa parte já sabe ler e escrever, outra ler e escreve pouco e outra parte não sabe nem ler e nem escrever. Como as educadoras ainda não tinham experiência, vimos uma aula expositiva em que era valorizado o saber dos que sabiam ler e o relato “a turma está rendendo”. Ou seja, percebe-se que dentro da educação popular você de fato irá encontrar alguns alunos que saibam algo mais do que outro, já que neste tipo

de educação não se separa alunos por desempenho, ao contrário procura uni-los para que assim um procure ajudar o outro e juntos construam o conhecimento. Mas jamais se deve vangloriar um aluno em detrimento do não saber do outro e percebemos que mesmo que as voluntárias tivessem consciência disso, ocorria essa segregação inconscientemente.

Assim o desafio era como trabalhar esse diferentes tipos de saberes, buscando não segrega-los. A proposta de construir o conhecimento juntos era válida, porém via-se a dificuldade de alguns alunos em desenvolver atividades com outros. Mas diante dessa dificuldade os professores têm que buscar intervir positivamente, buscando, principalmente, considerar o saber de todos os alunos, sem diminuir nenhum destes, mas buscando auxiliar de maneira positiva e sem retaliações, buscando valorizar todo o tipo de conhecimento.

“Os educadores do Banco estavam preparados para assumir uma turma?”. Essa questão foi observada em Santa Maria e verificamos que só o curso teórico e o CFA não permitiu uma preparação dos agentes para assumir uma turma. Por isso e com o intuito de sugerir uma melhora do programa BB Educar, constata-se que é essencial o programa criar mecanismo para os educadores vivenciarem estágios práticos acompanhados e orientados antes de assumirem uma turma. Haja vista de que a falta de vivência da prática pedagógica, ao assumir uma turma, compromete as ações pedagógicas.

Soma-se a isso a necessidade de trabalhar a forma de interação com a comunidade, que vem à tona a apropriação de conhecimentos da educação popular. A Educação popular permite trabalhar a linguagem dos educadores que são acostumados com o falar rebuscado das instituições financeiras e a relação com a comunidade, pois há o encontro de pessoas com poder aquisitivo um tanto satisfatório (funcionários do banco) e pessoas abaixo da linha da pobreza. E esse encontro, em um primeiro momento, nasce com o pensamento de que uma classe vai salvar a outra, mas a educação popular nos mostra que o que ocorre é a troca de conhecimentos entre as diferentes classes sociais.

Uma preparação em que estejam presentes os princípios da educação popular, evita o excesso de aulas expositivas, dá condições para o educador se posicionar de forma segura diante dos conflitos, norteia as estratégias de interação com turmas híbridas e possibilita utilizar/valorizar a linguagem local. Essas observações são o início de apontamentos para que programas de alfabetização realmente cumpram os seus objetivos de

alfabetizar através de uma educação democrática, cidadã, promotora de autonomia e valorizadora do trabalho coletivo.

Contudo, uma das questões consideradas mais relevantes foi pensar como empregar uma educação emancipadora, baseada na educação popular feita por Paulo Freire, em uma turma acostumada com a educação bancária. Como usar metodologias da educação pregada por Paulo Freire se os alunos estão adaptados a repetições, cópias, sistematizações e hierarquizações. A maior dificuldade foi utilizar a “metodologia” da educação popular dentro de sala, pois ainda há muitas críticas por parte dos alunos, que se desmotivam perante uma educação menos conteudista, por acharem perda de tempo, já que estão lá para aprender a ler e a escrever. E isto se dá devido ao não conhecimento, por parte dos alunos e de alguns professores da área, sobre a utilização deste método mais crítico, harmonioso e democrático, capaz de formar o cidadão crítico e capaz de mudar sua realidade, quando necessário, ou seja, criar a autonomia no sujeito.

Além disso, percebe-se o comodismo de muitos professores em trabalhar com as técnicas já impostas, com as cartilhas já prontas, pois facilita o trabalho deles, gerando assim o comodismo também nos alunos. Muitas vezes não por escolha própria, mas verifica-se que a educação ainda esta condicionada a aceitar e reproduzir, trazendo desmotivações aos alunos e professores que são atores principais dessa educação, que muitas vezes não constroem uma nova educação justamente pela repressão e desvalorização social que os cercam.

Enfim, mas há aqueles que acreditam nessa educação democrática e libertadora, que consegue fugir desses padrões impostos e são esses que não desistem, mesmo diante dos desafios e procuram repassar suas experiências pedagógicas que deram certo, para que assim possamos trabalhar em cima destas e buscar produzir novas formas de ensinar objetivando a produção de um conhecimento contemporâneo e compartilhado, sem exclusões, mas democrático. O desafio é enfrentar esse comodismo e buscar aprender com as experiências pedagógicas, buscar a educação continuada, a fim de incentivar o desenvolvimento de novas práticas de ensino para a construção do conhecimento mútuo e acessível a todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A experiência na ONG AASM, foi bastante rica e gratificante, tendo em vista tudo que vimos e vivemos. Foi bastante interessante vivenciar a prática, a diversidade de grupos e ideias, as diferentes demandas da sociedade reunidas em um só espaço, repleto de pessoas que em sua maioria estavam ali para contribuir de alguma forma, com seus conhecimentos e sabedoria. Aprendi muito com a Dona Amparo que criou a AASM objetivando uma vida melhor para aquelas futuras gerações que estavam ali e corriam o risco de cair nas drogas e em todas as coisas ruins que existem devido a desigualdade social.

Foram três semestres de experiências e aprendizagens, alegrias e alguns frustramentos, lutas, gratificação em ajudar e em poder contribuir. Enfim, principalmente quando participamos das atividades da Educação de Jovens e Adultos, onde se pôde conhecer mais da comunidade e seus componentes, suas histórias, seus anseios e desejos, onde estes educandos depositavam em nós “alunos da UnB” toda sua confiança e esperança de melhorarem de vida através da educação.

Através do projeto 4 percebemos o quanto esse tema é inerente a educação, principalmente a educação construída em ambientes não escolares que buscam passar a aprendizagem de maneira construtiva e não por reprodução do saber. Onde ali estavam presentes vários senhores e senhoras, trabalhadores e donas de casa, estavam naquela ONG buscando essa aprendizagem, talvez não compreendiam (por estarem acostumados com a educação bancária) que ela poderia ser construída com a contribuição deles mesmos, porém estavam presentes para aprender.

A experiência no projeto nos permitiu trabalhar a economia solidária e todos os seus princípios e conceitos como: cooperação, solidariedade, transparência nas ações e atitudes, sustentabilidade, igualdade entre homens e mulheres, a coletivização dos meios de produção, o comprometimento com o projeto coletivo, os movimentos e organizações sociais. Enfim, nos trazendo a reflexão sobre sua participação na educação, principalmente sua relação com a educação popular, afirmando a Economia Solidária como um ato pedagógico. O professor Paul Singer ressalta melhor essa ideia na seguinte citação:

A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe uma nova prática social e um entendimento novo desta prática. A única maneira de aprender a economia solidária é praticando-a. Mas, seus valores fundamentais, precedem a prática. (Paul Singer. 2005, p.19).

Problematizar a Educação de Jovens e Adultos requer uma experiência prática, para que assim possamos perceber de fato como ela ocorre. Quando a estudamos apenas na teoria, não podemos perceber determinadas peculiaridades, principalmente os desafios. Busquei mostrar nesse trabalho tais peculiaridades que pude observar e presenciar durante meu estágio na EJA, para que assim percebam os desafios de se trabalhar com uma nova perspectiva de educação com alunos que, sem perceber, são alunos bancários. Erasto Fortes Mendonça, em sua publicação “*O princípio da gestão democrática na escola pública*”, p.31, afirma: “[...] ninguém está mais preparado [...] na busca de indicadores reais, práticos, pertinentes às suas realidades objetivas do que aqueles que pisam o chão da escola e que por isso constituem-na um ente pedagógico.”.

Assim, percebe-se que nada melhor do que a prática para aprendermos, claro com base nas teorias. Reconheço que a experiência foi bastante significativa, tendo em vista que foi um meio de me encontrar no curso. Considero muito gratificante lecionar para adultos, principalmente para aqueles mais velhos que ainda acreditam na possibilidade de conquistar seus objetivos e buscam meios para essa conquista através da educação.

Apesar dos desafios, afirmo que não podemos desistir de nossos alunos, por mais cansativo que seja lecionar e muitas vezes não obter reconhecimento. Penso que o educador tem que ter a consciência do processo educativo e suas consequências, buscando maneiras mais democráticas para passar a aprendizagem aos alunos. Buscando assim novas práticas pedagógicas, a fim de motivá-los a aprender, de forma que o conteúdo ganhe significado para os educandos.

Verifica-se com este trabalho o desafio enfrentado pelas agentes do programa BB Educar. Os desafios estão sempre presentes, principalmente para aqueles que não foram graduados na área de educação, porém, tentam através de programas como estes contribuir para um Brasil alfabetizado. No entanto, nós como educadores e alfabetizadores temos a obrigação de pensar maneiras que diversifiquem a didática, as práticas pedagógicas, buscando

a democratização do acesso a educação, e que esta consiga atingir a todos, considerando todos em seu contexto e particularidades.

TERCEIRA PARTE

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS:

Pensar no futuro após graduação é uma tarefa interessante e instigante ao mesmo tempo. Após 4 anos e meio de curso, estudando muitas teorias, lendo diferentes textos e livros, estudando diversos casos pedagógicos, trabalhando educação em uma comunidade, convivendo com pessoas simples, porém intensas, lidando com diferentes professores (alguns vejo como exemplos, outros não) enfim, e, além disso, empregada em uma instituição como o Centro de Seleção e Promoção de Eventos da Universidade de Brasília – CESPE/UnB há quase 4 anos, percebo o quanto de experiências que ficaram, muitas boas, algumas ruins.

Minha inserção na Universidade de Brasília - UnB trouxe muitas mudanças positivas em minha vida. Aprendi muita coisa, vivi muita coisa. Perceber a vida acadêmica e buscar aproveitá-la da melhor maneira é algo muito significante na vida de alguém. Nessa inserção comecei a dar mais valor na busca pelo conhecimento e sabedoria, principalmente dentro da Faculdade de Educação, onde ali estudávamos questões relativas a nossa própria vida de estudante, questões relativas a todo o contexto da educação. Como se fosse um trabalho metalinguístico, onde o que aprendíamos e estudávamos era, muitas vezes, aquilo que vivíamos, trazendo várias vezes comparações práticas, vivenciadas na própria UnB.

Assim, o curso de pedagogia me fez perceber e refletir diversas coisas, como quem era os estudantes que estavam naquele curso, quais os objetivos, como o currículo da pedagogia de nossa faculdade nos formava etc. Refleti muitas coisas, para começar a refletir o que iria fazer após a conquista do meu diploma como Pedagoga. Trabalhando no CESPE/UnB aprendi diversas coisas relativas a interação profissional. Como trabalho em uma área administrativa que lida com requerimentos e solicitações de alunos, concurseiros e vestibulandos, lido com diversas questões relativas a procedimentos de estudos, de concursos e vestibular. Gosto do que faço, no entanto, percebo que não é algo tão pertencente a minha área, apesar de lidar com alguns pedagogos e professores que no CESPE trabalham.

Enfim, como fiz o curso pensando na perspectiva da educação de adultos, gostaria muito de trabalhar nesta área, a princípio lecionando, porém depois, após uma maior experiência, planejando e coordenando projetos e/ou políticas públicas relativas ao EJA. Percebo que para trabalhar no magistério nas escolas públicas há uma certa concorrência para

conseguir dar aulas no EJA. Assim, pretendo ingressar logo no magistério, através desse concurso que abriu agora em setembro, ganhar experiência e quem sabe conseguir lecionar no EJA e posteriormente, conseguir cargos que me permitam planejar e coordenar projetos nesta área.

Gosto da área de políticas públicas, buscando projetos que contribuam com a erradicação do analfabetismo no Brasil e que objetivam uma educação de qualidade, democrática e acessível. Principalmente trabalhando com a perspectiva da educação popular, implementando novas práticas de ensino menos bancária, buscando assim o aprimoramento da EJA. Também gosto da área de orientação, ajudar os alunos a escolherem uma profissão, a ter uma perspectiva educacional e profissional, também pode ser uma área que posso trabalhar, tendo em vista a minha experiência no CESPE com vestibulandos e concursandos em busca de uma carreira profissional.

Por enquanto, continuarei trabalhando no CESPE/UnB, pois além de precisar do emprego, aprendi muito nessa instituição. Como o CESPE/UnB é uma empresa que promove muitos eventos relativos à educação, penso também, após a formação, entrar em setores relativos a área educacional, como no âmbito de construção e aprimoramento do Programa de Avaliação Seriada –PAS, ou mesmo o vestibular. Porém, almejando ainda a Secretaria de Educação.

REFERÊNCIAS:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981 (14ª ed, 1988), 113 p. - (Coleção Primeiros Passos). Estudo pormenorizado da aplicabilidade do sistema Paulo Freire de alfabetização.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 23ª, ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994. Disponível em <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/alfuf.def>> Acessado em 20/08/2012.

Fundação Bando do Brasil. Disponível em <<http://www.fbb.org.br/>> Acessado em 15 de setembro de 2013.

INSTITUTO PAULO FREIRE. Educação Popular. Disponível em <<http://www.paulofreire.org/programas-e-projetos/educacao-popular>> Acessado em 15 de setembro de 2013.

MACEDO, Pollyana Fernandes. **Um olhar sobre a EJA**. NETE- Núcleo de Estudos Sobre Trabalho e Educação da FaE-UFGM. REVISTA ELETRÔNICA TRABALHO E EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA – Nº 3.

VENTURA, Jaqueline P. **A Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores no Brasil: revendo alguns marcos históricos**. 2007.

Historia na EJA. Volume 2. disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol2_historia.pdf.

FREIRE, Paulo. (2000). Educação de Adultos: algumas reflexões. In:

GADOTTI, M. e ROMÃO, J. E. (orgs.). Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta. 2ª ed. São Paulo: Cortez.

MACHADO, Maria M. **A educação de jovens e adultos no Brasil pós-Lei nº 9.394/96: a possibilidade de constituir-se como política pública**. Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 82, 2009.

Centro de Estudos Paulo Freire <www.paulofreire.org.br>. Permite o acesso à biblioteca digital Paulo Freire.

GADOTTI Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**. Série Educação Popular vol. 1 - Editora e Livraria Instituto Paulo Freire - 1ª edição – 2009.

Documentário. Coleção Grandes Educadores - Paulo Freire. Atores - Moacir Gadotti, Ângela Antunes; Ano de produção: 2006. País de produção: Brasil. Duração: 60 min.

LEAL, Telma Ferraz. **A escrita de textos em turmas de Educação de Jovens e Adultos: reflexões sobre práticas escolares**. Reveja (UFMG), v.2 p.61-74, 2008.

Anexo(s):



Acima chegada à ONG, primeiro dia de aula. Abaixo a agente do BB e os alunos da EJA.



Alguns educandos da EJA.



Eu, Thissiana, Marcelino e Felipe – alunos do projeto e da pedagogia.

